



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

FILIPE MIGUEL CORREIA CURTO FERREIRA EMÍDIO

**Nova Era e Nova Evangelização,
Um olhar a partir da EMRC**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutor José Nunes
Mestre Juan Francisco Ambrosio**

**Lisboa
2012**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1ª PARTE	
1. Reflexão sobre a Prática Pedagógica	6
1.1 Capacidade de desenvolver relações interpessoais	6
1.2 Relações institucionais	10
2. O Ensino Religioso Escolar e a importância da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica	13
3. Análise da Unidade Letiva 5 – Os Novos Movimentos Religiosos	16
2ª PARTE	
4. Secularização e Novos Movimentos Religiosos	18
4.1 Secularização e nova religiosidade	18
4.2 Novos Movimentos Religiosos	21
5. A NOVA ERA	23
5.1 Origens e personalidades marcantes	23
5.2 Princípios fundamentais	28
5.2.1 O que é a Nova Era?	28
5.2.2 Espiritualidade	30
5.2.3 A Nova Era como resposta à crise atual	33
5.3 A Nova Era e a fé cristã	34
6. A NOVA EVANGELIZAÇÃO	41
6.1 Fundamentos históricos	41
6.1.1 Concílio Vaticano II	41
6.1.2 Papa Paulo VI	44
6.1.3 Papa João Paulo II	47
6.1.4 Papa Bento XVI	52
6.2 “Fundamentos bíblico-teológicos”	55
6.2.1 Jesus Cristo – centro da vida e único salvador	55
6.2.2 Espírito Santo – principal agente da missão	60
6.3 Um projeto para o mundo	62
6.3.1 A expressão «Nova Evangelização»	62
6.3.2 Características	65
6.3.3 Congresso Internacional para a Nova Evangelização (ICNE)	67
3ª PARTE	
7. Reformulação da Unidade Letiva 5 – Os Novos Movimentos Religiosos	70
7.1 Planificações	70

CONCLUSÃO	92
ANEXOS	94
BIBLIOGRAFIA	100

INTRODUÇÃO

No âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, especialização em Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) foi elaborado este relatório final que é o culminar de um ano de prática de ensino supervisionada que decorreu na Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho. Partindo da lecionação da Unidade Letiva 5 – Os Novos Movimentos Religiosos (programa do Ensino Secundário) interessou-me aprofundar as questões relativas a este tema e após algum estudo apercebi-me de que o conceito de Nova Era ocupa erradamente uma posição semelhante aos que normalmente se consideram novos movimentos religiosos. Para complementar esta Unidade penso que seria também oportuno abordar a temática da Nova evangelização a que a Igreja Católica tem dado tanta importância. Através de um olhar a partir da EMRC, realizei um estudo sobre estes dois conceitos.

O relatório está dividido em três partes fundamentais: na primeira parte é feita uma reflexão sobre a minha prática pedagógica, nomeadamente sobre a capacidade de desenvolver relações interpessoais e sobre as relações institucionais partindo da experiência vivida não só na prática de ensino supervisionada decorrida na Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, como na do Colégio de Santa Doroteia, onde leciono desde o ano de 2006; faço igualmente uma reflexão sobre o ensino religioso escolar, apresentando os vários modelos existentes na Europa, debruçando-me particularmente no modelo vigente em Portugal, educação religiosa de base teológica (primeiro modelo). Completando esta reflexão abordo a importância da disciplina de EMRC, visto que é a proposta da Igreja Católica em relação ao ensino religioso confessional para o nosso país. O último ponto que incluo na primeira parte é a análise da Unidade Letiva em questão que trata dos novos movimentos religiosos, não só de uma forma complexa para os alunos e de difícil exposição para os professores, como inclui o conceito de Nova Era a par daquilo que pelas suas características considero ser necessárias para ser movimento religioso, razão pela qual apresento, na última parte do relatório, uma proposta de reformulação da referida unidade letiva.

Na segunda parte é feita uma breve explicação de alguns conceitos, tais como a secularização e a nova religiosidade, fenómeno que por um lado trata do afastamento das pessoas do religioso e por outro lado da procura de novas formas de encontrar sentidos para a vida através de diferentes tipos de espiritualidade; para clarificar o conceito de novos movimentos religiosos são apresentados os motivos da sua proliferação e referidas as suas características. De seguida é introduzida a Nova Era sendo explicadas, inicialmente, as suas origens a que alguns autores apontam para a segunda metade do século XIX e são referidas as personalidades marcantes como Alice Bailey (1880-1949), Annis Besant (1847-1933) e, principalmente, Helena Petrovna Blavasky (1831-1891) e posteriormente os seus princípios fundamentais e a sua posição de incompatibilidade face à fé cristã, pois apresenta Deus como uma unidade cósmica, resultante da totalidade da consciência universal em que tudo é Deus e Jesus, embora manifestando natureza crística, têm apenas um lugar histórico como Buda e outros.

A concluir esta segunda parte é feita uma exposição sobre a Nova Evangelização em que se desenvolvem os seus fundamentos históricos, Concílio Vaticano II, Papas Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI como os grandes «marcos» deste novo dinamismo de uma Igreja necessariamente acompanhante de um mundo moderno, que continua a ter presente o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, «porta» de salvação para a humanidade; para que esta nova evangelização seja eficaz é acentuada a figura de Jesus Cristo e a força do Espírito Santo como «fundamentos bíblico-teológicos». A concluir esta segunda parte são apresentadas as características desta «nova evangelização» e é desenvolvido um exemplo prático - Congresso Internacional para a Nova Evangelização - desta nova abertura da Igreja, que não se fecha sobre si mesma, mas vai ao encontro...

Na terceira e última parte deste relatório final é apresentada a minha proposta de reformulação da Unidade Letiva 5 – Os Novos Movimentos Religiosos, em que proponho que o conceito de Nova Era seja retirado do conjunto englobante dos novos movimentos religiosos e seja colocado como um conteúdo à parte, visto considerar que ela é uma rede global com referências comuns que liga vários grupos num vínculo

pouco estável, sem caráter permanente e hierárquico necessários para se poder dizer que se trata de um movimento; proponho também que seja acrescentada nesta unidade a Nova Evangelização para que se possa dar aos alunos uma ideia da ação atual da Igreja, concluindo esta terceira parte com a planificação da unidade, os seus conteúdos e competências, planificação das aulas, nomeadamente as estratégias a desenvolver por parte do professor e dos alunos envolvidos.

Relativamente à minha escolha ortográfica optei por seguir o novo acordo ortográfico em tudo o que não se refere a citações dos autores pesquisados.

1ª PARTE

1. Reflexão sobre a Prática Pedagógica

Refletir sobre a minha prática pedagógica é uma forma de me autoavaliar em relação à minha forma de agir, porque penso que antes de projetar a realização de um futuro profissional, tenho que me conhecer como pessoa e aos aspetos, princípios e valores que orientam a minha acção educativa. A importância da plena noção e interiorização desses valores e princípios são uma mais-valia para agir em conformidade com aquilo que acredito e defendo, mesmo fazendo parte de uma equipa.

A prática pedagógica é um tempo privilegiado de relações interpessoais e de contacto direto com professores e equipa institucional alargada, alunos e suas respetivas famílias.

1.1 Capacidade de desenvolver relações interpessoais

“Além de trabalharem com os alunos, os professores de hoje devem também trabalhar com os outros adultos que compõem a escola de modo a planificarem e coordenarem o que nela se passa.”¹

Como refere Arends, o trabalho do professor não assenta só na instrução dos alunos mas também na sua capacidade de desenvolver relações com a restante equipa institucional. O trabalho em conjunto deve ser produtivo de forma a enriquecer planificações e a coordenação do próprio espaço institucional. No entanto, as pessoas que ocupam espaços institucionais diferentes têm comportamentos sociais díspares. No ano da Prática de Ensino Supervisionada tive uma experiência completamente nova, pela primeira vez encontrei-me a lecionar numa escola pública tendo assim uma perceção desta disparidade, uma vez que sempre estive inserido numa realidade de escola particular católica.

¹ ARENDS, R. – *Aprender a ensinar*. 7ªed. Madrid: Mc Graw Hill, 2008, p. 25.

Na escola particular católica em causa - Colégio de Santa Doroteia - pode observar-se um corpo docente mais coeso, imbuído do espírito da fundadora da congregação (Santa Paula Frassinetti), onde existem relações pessoais entre professores. Santa Paula refere que o sentido do outro, o respeito e delicadeza, o cuidado, a atenção ao mais fraco e a caridade são a marca da relação e do espírito comunitário. É necessário aprender a ser pessoa comunitária, capaz de dialogar, compreender, integrar a diferença, cooperar, e trabalhar em equipa. É precisamente neste aspeto do trabalho de equipa que identifico a grande diferença destas duas realidades. Na escola pública onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada notei alguma frieza entre determinados elementos do pessoal docente dando a entender que cada um se dirige à escola para fazer apenas o seu trabalho e cumprir a sua tarefa.

Ao realizar a minha prática, identifico-me com a equipa coesa onde há partilha, há trocas de saberes, de experiências e de materiais. Identifico-me com uma equipa que caminha num só sentido, que tem como resultado uma escola eficaz em que os alunos reconhecem o esforço e têm como exemplo os seus professores. “O trabalho de equipa entre os adultos, que permanentemente subjaz a toda a acção, cria um enquadramento propício para o envolvimento das crianças numa comunidade activa e participante.”²

Através da prática pedagógica também vou desenvolvendo a capacidade de me relacionar com os meus alunos. Penso que nestes seis anos de ensino, tenho vindo a fortalecer cada vez mais uma relação de confiança e cumplicidade com os mesmos. Este tipo de relação é fundamental para quem leciona esta disciplina de EMRC pois é necessário ter uma proximidade que permita a abordagem de certos tipos de assunto, nomeadamente os de carácter mais pessoal. Muitas vezes o professor tem que abdicar de lecionar conteúdos para conseguir promover momentos de conversa e desta forma permitir aos alunos que coloquem questões, dúvidas ou problemas que possam ser discutidos em grande grupo. Através destes momentos, tanto em sala de aula como individualmente a nossa relação tem vindo a crescer: é escutando, apoiando, mostrando interesse, que os incentivo a dar-se a conhecer e a conhecerem-se entre

² HOHMANN, M.; WEIKART, D. – *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 128.

eles. Esta proximidade dá fruto a relações genuínas com os alunos – o que para Arends é um pré-requisito para todo o ensino³ – que desta forma se sentem apoiados e vêm no professor o suporte que pode chegar a ter efeitos na aprendizagem académica e social dos alunos.

Enquanto professor de EMRC a minha ação visa estar atento aos problemas de carácter afetivo, relacional, de fé e cognitivos. Por exemplo, algo que tenho verificado nestes últimos anos, é a enorme percentagem de alunos com pais separados, fator que marca muito profundamente a vida dos adolescentes. Nestes casos é determinante o papel do professor, por um lado, estar desperto para esta realidade, por outro, saber ajudar os alunos a compreender/aceitar esta situação. Quanto ao carácter relacional, posso referir como exemplo a “maldade” que se observa por vezes nos adolescentes, que marca as relações entre eles negativamente. Quantas vezes se verifica a exclusão e a perseguição (*bullying*) de determinado aluno por parte de outros? Nestes casos o professor de EMRC serve de mediador, promovendo uma aproximação/reconciliação entre as partes tentando desta forma apaziguar o ambiente escolar.

Em questões de fé, como é de esperar, existe um papel fundamental por parte do professor, uma vez que na adolescência surgem muitas vezes dúvidas em relação ao que foi transmitido pela família, chegando-se mesmo a pôr de parte o acreditar em Deus. Existem mesmo situações em que o adolescente entra em rutura apenas com o intuito de tomar uma posição contrária à dos familiares. Nestas circunstâncias a ação/posição do professor ou somente uma palavra marcante, podem ser o ponto de viragem para esclarecer estas questões de fé. Em muitos casos, estou perante alunos sem convicção religiosa ou crentes de outra religião que não o cristianismo, isto acontece particularmente na escola católica, uma vez que é obrigatório frequentar a disciplina de EMRC, tornando-se um desafio cativar alunos que não têm qualquer interesse nos assuntos abordados em sala de aula. Na escola pública este facto já não se verifica, visto que é opcional a inscrição na disciplina. Nesta realidade o problema é outro, principalmente no ensino secundário há cada vez menos alunos interessados em frequentar estas aulas principalmente nas “grandes” cidades. As razões das parcas

³ ARENDS, R. – *Aprender a ensinar*, p. 20.

inscrições nesta disciplina relacionam-se em primeiro lugar com o papel pouco ativo por parte das famílias na educação religiosa, nomeadamente na transmissão da fé; em segundo lugar há questões de ordem prática relacionadas com o horário das aulas (geralmente no início ou fim da manhã e no final de tempo letivo da tarde) e associada a vontade dos alunos terem mais tempo livre; em terceiro lugar – e não menos importante – é relacionado com o perfil do professor, que nem sempre está em consonância com os aspetos específicos que decorrem da identidade da disciplina de EMRC, necessários para a lecionação da mesma. A figura do docente é caracterizada por três funções principais e interligadas: testemunha, professor e educador. Estas três funções derivam-lhe do pacto educativo que está inerente à sua missão. A sua ação como professor deve ser um testemunho da fé que professa, ponto orientador da sua lecionação, implicando uma vocação especial para a tarefa de educar.

1.2 Relações institucionais

A Instituição (escola católica) onde tenho vindo a exercer a minha prática pedagógica é portadora de um regulamento interno, cristão e cívico com uma pedagogia que a fundadora fomentou e que foi amadurecendo num estilo de serviço, que ela própria definiu como “pela via do coração e do amor”. Portanto, todas as normas estabelecidas neste regulamento visam a criação de um ambiente simples, próximo e familiar, onde, ao jeito de Santa Paula Frassinetti, o Amor seja a maior força educativa. Desta forma, cada aluno sente-se acolhido com as suas qualidades e limitações, sente-se amado e sente que acreditam nele. “Educar, para nós, significa deixar-nos possuir pela pedagogia do Evangelho que leva o homem a descobrir que é amado por Deus, a acreditar nesse amor, e a crescer como pessoa até à plenitude da maturidade em Cristo”⁴.

Esta proximidade que existe na Instituição, faz que não se desista de um aluno tanto a nível humano como escolar, mentalidade que vai ao encontro da perspectiva de que nenhum aluno pode “ficar para trás”, apesar de em algumas situações não haver progressão escolar. Embora se verifique este tipo de situações, o colégio proporciona ao aluno a possibilidade de obter apoio pedagógico, tutoria, ou seja, um forte acompanhamento por parte dos seus professores.

Como professor desta Instituição identifico-me bastante com esta forma de pensar e com este modo de atuar. Ser professor é muito mais do que ensinar, é ser educador na medida em que me dou ao outro, ou seja, sou capaz de me entregar, sempre com o sentido do bem comum. É necessário aprender a ser dom de mim mesmo: constante, total, atento à realidade e servir os outros (marcas determinantes da vida e obra de Santa Paula).

Tal como foi referido anteriormente, para conseguir uma unidade de atuação, indispensável a uma educação que se quer de qualidade, a Instituição tem e segue desde o seu início, um Regulamento Interno aceite e vivido por todo o corpo docente, colaboradores e pelas famílias dos alunos. Um contacto adequado entre o professor e

⁴ CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SANTA DOROTEIA – *O nosso modo de educar*, 1991.

as famílias tem uma elevada importância pois, em conjunto, podem ser definidas estratégias de actuação em relação aos alunos, o que contacto permite não só conhecer mais aprofundadamente os alunos como os pais ficam também a conhecer a prestação e atitude dos seus filhos na escola.

No âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas – especialização Educação Moral e Religiosa Católica foi-me dada a oportunidade de exercer a minha prática de ensino supervisionada na escola pública, Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, cuja oferta educativa é feita em dois regimes, diurno para os alunos que queiram ingressar nos Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades, Artes Visuais e Cursos Profissionais de Técnico de Marketing (a funcionar apenas o 11º ano) e Técnico de Apoio à Gestão Desportiva; noturno para os Cursos de Educação e Formação para Adultos (EFA): Certificação escolar (2º ano - Continuação). A escola tem quatro departamentos curriculares, sendo que a disciplina de EMRC está inserida no departamento de Ciências Sociais e Humanas representada pela Professora Fátima Lopes.

Durante o ano letivo nesta escola foi-me impossível ficar com a noção das relações institucionais, pois não me foi dada a possibilidade de me aperceber do trabalho desenvolvido na relação escola/família. O dia, na escola, estava dividido em duas partes, sendo a primeira a preparação das atividades relacionadas com as aulas e a segunda parte que decorria à tarde era destinada à lecionação da aula de EMRC. A turma de EMRC era constituída por dez alunos (cinco rapazes e cinco raparigas, com média de idades no final do ano letivo de 16 anos) provenientes das turmas do 10º Ano, especificamente 10º B, 10º C e 10º F. Eram alunos com elevada cultura geral, com gosto pela disciplina, empenhados na sua participação e o seu comportamento foi exemplar. Na sua maioria provinham de escolas particulares e a sua situação familiar era estável e nenhum deles tinha necessidades educativas especiais. O gráfico seguinte mostra as disciplinas preferidas por estes alunos.



Gráfico 1 – Inquérito realizado aos alunos no início do ano letivo questionando sobre as suas disciplinas preferidas.

2. O Ensino Religioso Escolar e a importância da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica

Ao refletir sobre a minha ação pedagógica, não posso deixar de referir a importância que o Ensino Religioso Escolar (ERE) ocupa no sistema educativo. “O Ensino Religioso Escolar é fator decisivo para a educação integral das crianças, adolescentes e jovens. De facto, seria empobrecedor entender a educação excluindo dela a interpretação e análise do fenómeno religioso, bem como a proposta de uma visão do mundo e da vida humanista e cristã”⁵.

Coloca-se a seguinte questão: Pode um Estado, que se diz laico, admitir uma formação religiosa no âmbito do ensino formal?

A resposta não é claramente unívoca. Flavio Pager numa conferência realizada em Fátima a 7 de setembro de 2007, por ocasião do lançamento do novo programa para o ensino religioso em Portugal, apontou 4 modelos existentes na Europa: Educação religiosa de base teológica, instrução religiosa de base científica mista: ciências teológicas + ciências não teológicas da religião, instrução/formação religiosa fundada nas Ciências da religião e abordagem do facto religiosa a partir das diferentes disciplinas escolares. Quanto ao primeiro modelo os programas visam levar o aluno a uma compreensão progressiva da tradição cristã para que ele adira a uma visão do mundo e da vida própria da fé cristã. Este ensino deve ser realizado por professores formados por centros académicos da Igreja e propõe “transmitir num espaço laico do quadro escolar os elementos de uma tradição crente, sem necessariamente se tornarem cursos de finalidade missionária ou proselitista”⁶. Este é o modelo que é adotado em Portugal, pois como afirmou D. Tomás Silva Nunes, bispo auxiliar de Lisboa, na introdução ao Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: “Sendo os pais e os encarregados de educação os primeiros educadores dos seus filhos ou

⁵ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2007, p. 9.

⁶ PAGER, F. – O ensino da religião na União Europeia: modelos, tendências, desafios. *Pastoral catequética*. Lisboa. 8 (2007) 78.

educandos é-lhes reconhecido o direito de escolher para eles o tipo de educação e as orientações ético-religiosas que consideram mais adequadas à construção da sua personalidade”⁷. É aqui que a Igreja tem um papel muito importante oferecendo à escola a possibilidade do ERE confessional, nomeadamente a lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). Esta disciplina constituiu uma resposta dada pela Igreja, através de programas escolares e de recursos materiais e humanos, a todos aqueles que têm noção da importância do fenómeno religioso na vida do ser humano e querem compreender o Cristianismo. Atualmente na escola pública a frequência dos alunos a esta disciplina não é obrigatória, mas sim facultativa, nas escolas particulares católicas faz todo o sentido que esta disciplina tenha o mesmo cunho de todas as outras, com carácter obrigatório. Em 2007 foi aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa um novo programa para a disciplina de EMRC e elaborados novos manuais adaptados à realidade dos nossos dias.

Relativamente ao segundo modelo, instrução religiosa de base científica mista: ciências teológicas + ciências não teológicas da religião, constata-se que cada vez mais, na Europa, “existem, com efeito, cursos escolares de/sobre a religião que podem continuar a ser confessionais quanto ao seu objecto material de ensino/aprendizagem (por exemplo: o estudo da “religião católica”, do “protestantismo”, da “tradição judaica” ou da “Bíblia”...), mas que não são (ou já não podem ser) confessionais quanto aos objectivos educativos formais. Por outras palavras: podemos estudar o catolicismo na escola numa perspectiva cultural, histórica, ética, sem forçosamente incluir nesse estudo uma abordagem educativa direccionada para a fé. Trata-se, então, de um ensino que não pressupõe a fé e que não se propõe educar directamente a fé”⁸.

No terceiro modelo, instrução/formação religiosa fundada nas Ciências da religião incluem-se todos os cursos de religião que são reconhecidos pelas constituições dos Estados, mas que não se referem a uma Igreja ou a uma tradição

⁷ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Ensinos Básico e Secundário*, p. 9.

⁸ PAGER, F. – O ensino da religião na União Europeia: modelos, tendências, desafios. *Pastoral catequética*, 79.

religiosa; é o Estado que forma os professores que não ignorando os saberes teológicos das Igrejas os vê com um olhar imparcial com produtos culturais. Estes cursos não pretendem afirmar que tal religião é verdadeira ou falsa, mas “informar de um modo imparcial e crítico (histórico, filosófico...) sobre os factos religiosos e espirituais, sobre a pluralidade das concepções transcendentais e imanentes da vida”⁹.

Quanto ao quarto modelo, abordagem do facto religioso a partir das diferentes disciplinas escolares, modelo unicamente seguindo em França, a religião, o espiritual, é apenas tido em conta aquando uma disciplina curricular se depara com um texto religioso, um acontecimento, uma doutrina religiosa... e por conseguinte o objeto religioso é tratado segundo os princípios da disciplina ensinada, sem ter presente as ciências teológicas e da religião.

⁹ PAGER, F. – O ensino da religião na União Europeia: modelos, tendências, desafios. *Pastoral catequética*, 80.

3. Análise da Unidade Letiva 5 – Os Novos Movimentos Religiosos

Quando analisei o programa do Ensino Secundário, uma das Unidades Letivas que me despertou mais interesse foi a Unidade Letiva 5 – os Novos Movimentos Religiosos, pois já tinha trabalhado este tema durante a licenciatura e por este motivo decidi escolher para lecionar durante a prática de ensino supervisionada. Penso que o programa conforme está elaborado é um pouco confuso, não bastando os conceitos desta unidade terem um grau elevado de complexidade, o próprio programa mistura muitos conteúdos, por exemplo Secularização e Novos Movimentos Religiosos (NMR) e insere a *New Age* (Nova Era) como se fosse um movimento, a par das Testemunhas de Jeová, dos Mórmones, etc. Parece-me que este compêndio de conteúdos não ajuda a clarificá-los, mas sim dificulta o trabalho do docente na planificação e leção desta Unidade Letiva.

Este problema levou-me, por vezes, a sentir alguma dificuldade em ser claro para com os alunos, tentando sempre não misturar os conceitos. Tentei “aligeirar” e penso que a maior parte das vezes os alunos conseguiram perceber e atingir os objetivos, principalmente através da realização de tarefas práticas, em que relacionaram os conceitos com imagens.

Para introduzir esta unidade aos alunos e baseando-me no manual do aluno propus uma reflexão sobre o tema da secularização. Não podia, no entanto, deixar passar a ideia de que a dimensão religiosa é constitutiva do ser humano, no seu dia-a-dia, nas relações com os outros seres humanos e em variadíssimas áreas: literatura, música, desporto, arte e ordenamento do território¹⁰. Após esta constatação comecei a abordar o tema dos NMR. Na parte relacionada com os conteúdos do programa, a Nova Era é considerada um dos principais movimentos. Contudo, baseando-me em estudos de “sociólogos e historiadores da religião que se debruçaram sobre este tema respondem que não se trata de um movimento religioso, de uma religião ou de uma seita em sentido sociológico, mas sim do resultado de uma rede global que liga centros

¹⁰ Anexo 1, p. 94.

e grupos que têm alguns temas de referência em comum, mas sem que este vínculo seja estável, permanente ou hierárquico a ponto de criar um movimento.”¹¹.

Para além desta definição, surge também a afirmação de que a Nova Era é entendida como um movimento sócio religioso que inclui diversas realidades, tais como: “tudo o que seja gnosticismo, esoterismo, percepção extra-sensorial, yoga, teosofia, ocultismo, espiritismo, reincarnacionismo, psicologia das profundezas de C. Yung, mitologias antigas, cultos arcaicos da natureza, etc., entra dentro do sistema da *New Age*. Trata-se, pois, de um sincretismo religioso que tem por centro o homem – e só o homem – na sua dimensão de autolibertador. O movimento é, ao mesmo tempo, uma religião, uma filosofia, um humanismo, uma antropologia religiosa, que tem por intenção libertar o homem de todas as religiões clássicas, apresentando a alternativa da salvação-libertação através do desenvolvimento do consciente humano.”¹².

Na segunda parte do relatório farei a exposição das bases científicas não só da Nova Era, como também da Nova Evangelização, começando por identificar origens, personalidades marcantes, características e espiritualidade, partindo de estudos de vários autores, tais como Adérito Barbosa, José Borau, Joaquim Carreira das Neves, Conselho Pontifício da Cultura e Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso, Papa João Paulo II, Papa Bento XVI e Rino Fisichella, que se debruçaram sobre estes temas tão atuais no universo religioso.

Partindo do conceito de que a Nova Era não deve ser encarada como um movimento religioso, na terceira parte do relatório será feita uma proposta de reformulação da Unidade Letiva em questão, retirando a Nova Era do conjunto dos principais movimentos religiosos. Dentro da mesma Unidade será importante a referir a dinâmica e a reflexão desenvolvida pela Igreja Católica acerca da Nova Evangelização.

¹¹ BORAU, J. – *Os Novos Movimentos Religiosos*. Lisboa: Paulus, 2008, p. 22.

¹² NEVES, Carreira das – *As novas seitas cristãs e a bíblia*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1998, p. 241-242.

2ª PARTE

4. Secularização e Novos Movimentos Religiosos

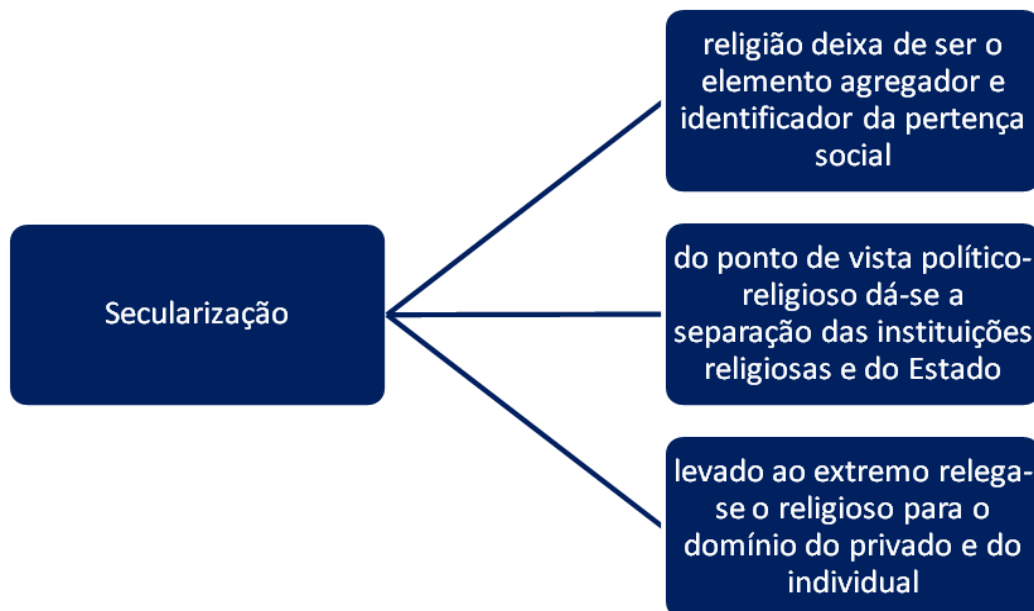
Nesta segunda parte do relatório, como referido anteriormente, irei centrar-me fundamentalmente na reflexão da Nova Era e da Nova Evangelização. Como introdução a estas duas temáticas considere importante fazer uma breve referência ao fenómeno da secularização pois trata das transformações ocorridas no nosso mundo a nível do religioso, científico e social que deram origem a um afastamento do homem relativamente à fé nas religiões tradicionais com o intuito de conseguir encontrar novas respostas às suas inquietações. Seguidamente farei uma breve menção sobre os Novos Movimentos Religiosos apontando as respetivas características com o objetivo de clarificar este conceito para que se perceba o motivo pelo qual, na minha opinião, não se deve incluir a Nova Era.

4.1 Secularização e nova religiosidade

Com o avanço da industrialização e da ciência ao longo do último século emergiram novas explicações não religiosas para o curso dos acontecimentos mundiais. Embora as religiões tradicionais continuem a sobreviver, áreas cada vez maiores da vida social e cultural foram subtraídas à sua influência. Não só as denominações religiosas perderam força social, como também os conceitos éticos existentes no seu seio se afastaram das questões sociais.

No conceito de secularização encontra-se por outro lado um conjunto de transformações que no campo semântico se resumem da seguinte forma: “dessacralização do mundo; decadência da religião nas sociedades modernas; incremento do interesse pelo mundo e crescente desinteresse pelo sobrenatural; recuo da influência pública da religião; transferência de representações, crenças e poderes da esfera religiosa para a esfera da actividade secular; superação social de um

estado religioso na direcção de um outro marcado pelo ideal de emancipação; transformação do campo religioso no sentido da sua «mundanização»¹³.



A este propósito o Papa Bento XVI na sua Carta Apostólica *Ubicumque et semper* escreve que “no nosso tempo, um dos seus aspectos mais singulares foi o medir-se com o fenómeno do afastamento da fé, que se manifestou progressivamente nas sociedades e culturas que há séculos estavam impregnadas pelo Evangelho. As transformações sociais às quais assistimos nos últimos decénios têm causas complexas, que afundam as suas raízes no tempo longínquo e modificaram profundamente a percepção do nosso mundo. Considerem-se os gigantescos progressos da ciência e da técnica, o ampliar-se das possibilidades de vida e dos espaços de liberdade individual, as profundas mudanças em âmbito económico, o processo de mistura de etnias e culturas causado por maciços fenómenos migratórios, a crescente interdependência entre os povos. Tudo isto causou consequências também na dimensão religiosa da vida do homem. E se por um lado a humanidade conheceu inegáveis benefícios por estas transformações e a Igreja recebeu ulteriores

¹³ TEIXEIRA, A. – Eclipse ou regresso? Tensões paradigmáticas no campo das hermenêuticas da religião. *Humanística e Teologia*. Porto. (2008) 89.

estímulos para dizer a razão da sua esperança (cf. *1 Pd* 3, 15), por outro verificou-se uma preocupante perda do sentido do sagrado, chegando até a pôr em questão aqueles fundamentos que pareciam indiscutíveis, como a fé num Deus criador e providente, a revelação de Jesus Cristo único salvador, e a comum compreensão das experiências fundamentais do homem como nascer, morrer, viver numa família, a referência a uma lei moral natural”¹⁴.

A Igreja tem agora que enfrentar não apenas a secularização, como também uma série de tendências religiosas variadas, como por exemplo a Nova Era, assim como uma nova religiosidade secular. Perante a rápida transformação e permanente mudança do mundo atual, o ser humano procura respostas para dar sentido à sua vida, não as encontrando nas religiões tradicionais. Recorre portanto a uma determinada religiosidade individualista, porque ele é o centro como «indivíduo»; religiosidade inconstante, devido à facilidade com que muda de grupo ou de tradição; religiosidade experimentalista, pois dá mais valor à experiência do que à teoria; religiosidade debilmente institucionalizada, porque não tem nenhuma instituição como base e comunitarista, na medida em que se valoriza a pertença a grupos com grande carga emocional.

A propósito desta religiosidade, José Maria Mardones refere que “(...) é mais própria, mais feita à medida do caminhante, do explorador do sagrado. O novo crente sai para o mundo para experimentar o sagrado. O novo crente «fabrica» a sua dogmática, procura ouvir de novo a revelação como se lhe tivesse sido dada hoje. Por este motivo, pode confundir ruídos indistintos com sagrado, obscuro com mistério, extravagante com único e irrepetível. Vive, porém, o fascínio do sagrado e as suas ambiguidades e perigos. A nova religiosidade levanta o sentimento contra a racionalidade dogmática. Para dar certeza e veracidade ao seu encontro com o mistério, faz passar a experiência pelo sentimento.”¹⁵.

¹⁴ BENTO XVI – *Ubicumque et semper*, 2010.

¹⁵ MARDONES, J. – *Para compreender as novas formas de religião*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1996.

4.2 Novos Movimentos Religiosos

Tal como foi referido anteriormente, esta nova religiosidade está bem presente nas sociedades, principalmente do mundo ocidental, podendo-se comprovar com o florescimento de diversos grupos religiosos que são designados como novos movimentos religiosos.

Donizete Rodrigues refere que “os principais fatores para a proliferação dos Novos Movimentos Religiosos são: o contexto da globalização e consequente perda de identidade cultural e religiosa; aumento da insensibilidade e do individualismo do mundo moderno, em geral, e das grandes cidades, em particular; aumento dos problemas sociais e económicos, tais como: desemprego, marginalidade, toxicodependência, prostituição, racismo, violência urbana, etc.; problemas do foro psicológico, tais como angústia, ansiedade e falta de sentido para a vida, etc; falta de capacidade e às vezes interesse por parte das Igrejas históricas tradicionais para enfrentar os problemas socioeconómicos, psicológicos e espirituais da maioria da população carenciada; afastamento gradual dos fiéis da sua Igreja original, pois esta apresenta, de uma forma geral, um discurso desatualizado quanto à realidade social, cultural e religiosa de hoje; no caso dos países do Terceiro Mundo, a falta de vontade política dos governantes de realizar uma verdadeira mudança na sociedade, na tentativa de resolver ou amenizar a situação de extrema pobreza em que vive a maior parte da população, faz com que haja um descrédito generalizado da classe política e uma valorização das obras assistenciais de organizações não-governamentais e de Igrejas e outras associações religiosas, não conotadas com o poder político.”¹⁶.

A maioria dos autores utiliza a expressão Novos Movimentos Religiosos para referir variados grupos que apareceram recentemente no mundo ocidental. “A «novidade» não deve ser tomada à letra, ou seja, fazendo referência à data de nascimento, mas antes à data de penetração ou de difusão numa zona geográfica, política e cultural determinada. O termo «religiosos» nem sempre é adequado, pois

¹⁶ RODRIGUES, D. – Novos movimentos religiosos: realidade e perspectiva sociológica. *Revista Antropológicas*. Recife. (2008) 33.

alguns grupos negam explicitamente esta qualificação.”¹⁷. Quando se aborda esta problemática surge normalmente o termo de seita, atribuído muitas vezes como sinónimo de novo movimento religioso e com sentido pejorativo, ou seja, com o intuito de menosprezar determinado movimento minoritário. “Assim, a expressão tem a seguinte designação: «novos», porque se apresentam com novas formas e novos modelos simbólicos e ideológicos que se afastam dos sistemas religiosos institucionais; «movimentos», por serem realidades dinâmicas e fluidas; «religiosos», num sentido amplo, por abarcarem dimensões espirituais (procura de uma elevação e de alimento para o espírito) e dimensões transcendentais (tentativa de ir mais além no conhecimento de si e do divino).”¹⁸.

Estes movimentos propõem um novo estilo de vida, em rutura com a sociedade ou com as organizações religiosas. Os NMR organizam-se de forma muito diversificada, pois ao lado de grupos hierarquizados, existem outros menos rígidos, mas na sua maioria predomina a estrutura piramidal. Outras características comuns são a existência de um chefe carismático, cuja autoridade espiritual é indiscutível, assim como a obediência incondicional; o fundamentalismo, ou seja, a não aceitação de outras leituras e interpretações, podendo levar algumas vezes a um certo fanatismo; dinâmicas individuais e coletivas que têm uma dimensão emocional extremamente forte e por último a crítica que fazem às Igrejas católica, ortodoxa e protestante de colocarem as tradições e fundamentações eclesiais em detrimento da Bíblia, acreditando que os seus fundadores são os verdadeiros herdeiros da Palavra de Deus¹⁹.

¹⁷ BORAU, J. – *Os Novos Movimentos Religiosos*, p. 11.

¹⁸ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Alicerces - Os Novos Movimentos Religiosos*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2009, p. 20.

¹⁹ Cf. NEVES, Carreira das – *As novas seitas cristãs e a bíblia*, p. 9.

5. A NOVA ERA

5.1 Origens e personalidades marcantes

A Nova Era tem raízes profundas no tempo e as suas origens remontam aos séculos II e III, em que doutrinas de diversas seitas pretendiam ter da religião e de todas as coisas um conhecimento superior ao da Igreja; do mesmo modo pretendiam conciliar todas as religiões e explicar o seu sentido profundo por meio de um conhecimento esotérico²⁰ e perfeito das coisas divinas, comunicável por tradição e por iniciação.

Para além do gnosticismo “contam-se antigas práticas ocultas egípcias, a cabala, o sofismo, a sabedoria dos druidas, cristianismo céltico, a alquimia medieval, o hermetismo renascentista, o budismo zen, o yoga, etc.”²¹. “Sem textos sagrados e sem líder, a Nova Era surge como um mar sem fundo, em que todos navegam à deriva, combinando Teilhard de Chardin com o espiritismo, os espíritos da terra com a astrologia, as técnicas alternativas de meditação e de terapia com um optimismo sobre o Universo, uma vez que a matéria é uma grande vibração de energia espiritual que transforma o mundo inteiro, que tudo liga inconscientemente e que tudo dirige em direcção a um fim mais alto e sublime.”²².

A religiosidade oriental, no seu sentido mais amplo, é marcante na Nova Era. Há muito tempo que o Oriente exerce um encantamento irresistível no Ocidente, nomeadamente nos EUA. Na década de 60, o governo deste país, aprovou novas leis de imigração que permitiram a entrada de muitos mestres espirituais asiáticos, o que levou à criação de centros, escolas filosóficas, técnicas e espiritualidades orientais.

²⁰ Esotérico: reservado aos discípulos, aos iniciados (de uma doutrina, de uma escola, de uma seita, de um culto); secreto; oculto; misterioso; estranho. *In Dicionário de Língua Portuguesa*. 8ªed. Porto: Porto Editora, 1999.

²¹ CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA; CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER RELIGIOSO – *Jesus Cristo, Portador da água viva*. 2ª ed. Lisboa: Paulinas, 2003, p. 20.

²² BORAU, J. – *Os Novos Movimentos Religiosos*, p. 23.

Sobretudo no estado da Califórnia proliferaram lugares de iniciação e aperfeiçoamento do Hinduísmo, Budismo, Tantrismo, Tauísmo e do Xamanismo.

Pode-se dizer que a Nova Era, tendo estas origens, representa a tentativa de solução dos problemas religiosos, ecológicos, pessoais, privados e cósmicos através de uma mentalidade pós-moderna. A confiança e o otimismo são os canais essenciais para se encontrar o divino, numa mística laical tendente a aumentar o espaço das religiões tradicionais abrangendo todas as problemáticas relacionadas com o mundo natural e sobrenatural.

Nesta busca de uma unidade que tudo abarque, a Nova Era é caracterizada por um ecumenismo religioso de inspiração oriental que ultrapassa todas as diferenças, muitas vezes chamado de sincretismo, ou seja na reunião de diversos elementos das várias tradições religiosas “a gosto” de cada indivíduo, dando-lhes uma nova visão. “(...) caracteriza-se, não apenas pela tolerância relativamente à pluralidade das visões do mundo e dos estilos de vida, mas também por composições «à lista», pelo «arranjo pessoal».”²³.

É difícil precisar uma data ou um acontecimento que defina o nascimento da Nova Era. Porém, alguns estudiosos apontam a segunda metade do século XIX e o século XX como início deste movimento espiritual. Alice Bailey (1880-1949), Annis Besant (1847-1933) e, principalmente, Helena Petrovna Blavasky (1831-1891), fundadora da Sociedade Teosófica, são consideradas as precursoras, através dos seus escritos, da Nova Era como movimento popular.

Em 1961 surgiu na Califórnia, o Instituto *Esalen* com o objetivo de desenvolver o potencial humano através de técnicas psicológicas e religiosas de cariz oriental, com o intuito de resolver todos os problemas religiosos, políticos, sociais e mentais, ou seja, purificar tudo o que há de mal nas religiões e contrariamente trazer ao de cima todos os aspetos positivos dessas mesmas religiões. Desde 1967 que alguns pioneiros se deslocavam a este Instituto para libertar o corpo e o espírito nos banhos de água quente; agora é lugar de encontro de pessoas em busca de equilíbrio psíquico.

²³ DELUMEAU, J. – *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença, 2002, p. 705.

Portanto, a Nova Era tem um elemento psicológico muito forte, baseado “na descoberta do inconsciente como dom divino, universal e cósmico, através do qual devemos viver a nossa plenitude, atingindo, para tanto, o estado do êxtase individual e cósmico. Desde o momento que o homem desenvolva os seus conhecimentos no foro psicológico terá a solução para todos os preconceitos, traumas, medos, pecados, etc. a New Age assume-se como a verdadeira e última redenção – salvação – libertação.”²⁴.

Este movimento espiritual (Nova Era), que nos dias de hoje engloba todos os esoterismos, integra-se principalmente no *Human Potential Movement* (Movimento do Potencial Humano), conduz ao individualismo e dá um carácter positivo a tudo aquilo que possa ser considerado como absurdo e fraudulento. Este mundo do oculto e do sobrenatural está na «moda»: através do poder da mente e da autorrealização, o ser humano é levado a transcender o seu eu, encontrando desta forma dimensões místicas no seu subconsciente.

Do ponto de vista astrológico, a Nova Era traduz-se na passagem do sol da constelação zodiacal de peixes para a de aquário²⁵. Considera-se que durante a era dos peixes o mundo é marcado por conflitos e guerras e “segundo os seus mentores, o Adão histórico começou a era do touro, Abraão a era do carneiro, o Império Romano a era dos peixes, e, agora estamos a olhar no dealbar da era do aquário. A era judeo-cristã foi assolada continuamente com guerras religiosas e políticas, ódio nacionalistas e mal-estar social entre ricos e pobres. A era do aquário será a era da paz e da fraternidade universais através do desenvolvimento, ao máximo, da consciência do nosso cérebro, e, mais precisamente, do equilíbrio do hemisfério esquerdo (razão) com o direito (emoção) do mesmo cérebro.”²⁶.

²⁴ NEVES, Carreira das – *As novas seitas cristãs e a bíblia*, p. 242-243.

²⁵ “Cada era astrológica, de cerca de 2146 anos, recebe o nome de um dos signos do Zodíaco, mas os «dias grandes» seguem uma ordem inversa e por isso a actual Era de Peixes está quase a acabar, para se iniciar a Era de Aquário. Cada Era tem as suas próprias energias cósmicas. A energia de Peixes trouxe consigo uma era de guerras e de conflitos, mas Aquário será uma era de harmonia, justiça, de paz, de unidade, etc. Neste sentido, a Nova Era aceita o carácter inevitável da História. Alguns veem na Era de Carneiro a época da religião judaica, em Peixes a do Cristianismo e em Aquário a era de uma religião universal.”. In BORAU, J. – *Os Novos Movimentos Religiosos*, p. 31.

²⁶ NEVES, Carreira das – *As novas seitas cristãs e a bíblia*, p. 243.

Estes dois hemisférios correspondem a dois níveis de consciência: o consciente e o subconsciente. O consciente está ligado à lógica, à razão e é ele que fornece a estruturação da linguagem e a análise da realidade, no subconsciente estão alojadas a imaginação, criatividade e a memória e funciona quando o raciocínio consciente está em repouso. As vias de comunicação entre os dois hemisférios ocorrem segundo este sentido: em primeiro lugar a emoção, depois o raciocínio e nunca ao contrário. Daqui se conclui que a emoção pode dirigir o sentido das nossas atividades racionais, mas os nossos raciocínios são incapazes de modificar as nossas emoções. Assim, para se manipular uma pessoa, a “lavagem ao cérebro”, há que impedir que ela utilize o seu raciocínio, ou seja, o cérebro esquerdo que faz as perguntas e valorizando o cérebro direito, o das emoções, favorecendo a sua memorização. Quanto mais um acontecimento nos marca a nível emocional, mais ficará gravado na nossa memória, que é o que acontece com a crença que tem um esquema de imagens, ideias, etc., pertencentes à memória emotiva que provocam emoções quando voltamos a recordá-las. Isto permitirá abandonar a racionalidade e conquistar de forma definitiva a Nova Era.

A Nova Era estabelece uma relação com a ciência, especificamente com a física quântica, tentando através dela oferecer uma visão organicista do universo. O cosmos é comparado a um organismo vivo, único, onde todos os seres vivos formam uma grande família, e tudo é Uno, ou seja, Deus e mundo, alma e corpo, razão e sentimento, interior e exterior. “Algumas pessoas conhecidas do campo da Física actual vêm em sua defesa: D. Bohn, K. Pribram, F. Capra, R. Sheldrake. Todos eles propõem soluções novas de carácter «holístico» ou totalizador, nas quais existe uma aproximação entre ciência e mística, onde se complementam mutuamente o mundo físico e o mundo espiritual.”²⁷. A ciência e a mística ao relacionarem-se entre si e inspirando-se no Oriente, transformam a psicologia da Nova Era numa psicologia «transpessoal», ou seja, processo de reflexão que nos leva a sair de nós mesmos para encontrarmos Deus em nós. Não só contesta a visão mecanicista e científica da Natureza ousando falar do sobrenatural como se falasse do natural, unindo revelação

²⁷ BORAU, J. – *Os Novos Movimentos Religiosos*, p. 27.

e natureza, espírito e matéria, divindade e visão cristã. Ao fazer esta mistura de teses de diversos sistemas há o perigo de se tornar uma «vigarice», se não for bem orientada.

O termo «novo» na expressão Nova Era não só está ligado ao sincretismo como à percepção de que a sociedade está preparada para uma mudança quer a nível individual, quer a nível global. “Existem várias expressões da necessidade de uma mudança: da física mecânica de Newton à física quântica; da exaltação da razão à valorização do sentimento, da emoção e da experiência (muitas vezes descritos como passagem de pensamento racional do hemisfério esquerdo do cérebro para o intuitivo do hemisfério direito); do domínio da masculinidade e do patriarcado à celebração da feminilidade, nos indivíduos e na sociedade.”²⁸. Esta mudança pode ser descrita como “um despertar moderno de religiões pagãs misturado com influências das religiões orientais, da psicologia moderna, da filosofia, das ciências e da contracultura que se desenvolveram nos anos cinquenta e sessenta.”²⁹.

²⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA; CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER RELIGIOSO – *Jesus Cristo, Portador da água viva*, p. 20.

²⁹ COMISSÃO TEOLÓGICA IRLANDESA – *A New Age of the Spirit? A Catholic Response to the New Age Phenomenon*, Dublin, 1994, 3. In *Jesus Cristo, portador de água viva*, p. 21.

5.2 Princípios fundamentais

5.2.1 O que é a Nova Era?

Os sociólogos e os historiadores da religião que se dedicaram ao estudo deste tema chegaram à conclusão de que a Nova Era não é um movimento religioso, nem uma seita, mas consideraram-na como uma rede global com referências comuns que liga vários grupos num vínculo pouco estável, sem caráter permanente e hierárquico necessários para se poder dizer que se trata de um movimento. Este é um dos motivos porque considero que a Nova Era não deve ser tratada como um movimento religioso tal como apresenta o programa da Unidade 5 da disciplina de EMRC do Ensino Secundário, mas que deve ser lecionada mostrando bem a distinção entre ela e os novos movimentos religiosos. Esta rede consiste em pensar globalmente, mas agir localmente e dela fazem parte pessoas que necessariamente não se conhecem umas às outras e que raramente ou nunca se encontram. Um espírito «alternativo» à tradição religiosa cristã e a esperança de uma nova era, ou seja, a mudança da Era de Peixes para a Era de Aquário é aquilo que une esta rede³⁰.

Alguns autores, como Wouter J. Hanegraaff referem-se à Nova Era como a um «milieu»; outros como Rodney Stark e William Sims Bainbridge como a um «culto de ouvintes»; outros ainda como M. Lacroix como «uma corrente de pensamento muito coerente»³¹.

Partindo de estudos sociológicos constata-se que a Nova Era não tem uma doutrina e propõe que cada um faça o seu percurso doutrinal, incorporando muitos elementos diferentes, que permitem ao indivíduo ter interesses e graus de empenhamento diversos. É caracterizada pela ausência de textos sagrados e de líder (esta ausência é outro motivo pelo qual penso que a Nova Era deverá ser tratada de forma diferente da dos novos movimentos religiosos) e tem a convicção de que o

³⁰ BORAU, J. – *Os Novos Movimentos Religiosos*, p. 22.

³¹ CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA; CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER RELIGIOSO – *Jesus Cristo, Portador da água viva*, p. 16.

tempo das religiões particulares acabou, razões pelas quais o seu fascínio tende a aumentar nos dias de hoje.

5.2.2 Espiritualidade

Desde sempre o ser humano revelou uma necessidade de se relacionar com o transcendente, com o objetivo de dar uma visão sobrenatural à sua realidade do dia-a-dia³².

No final do milénio o Homem sentiu a indispensabilidade de uma nova espiritualidade, baseada em novas interpretações, crenças e acontecimentos religiosos, na magia, na importância de se ligar às forças da Natureza através da redescoberta dos mistérios ocultos, tendo para alguns a sua origem em rituais religiosos pré-cristãos, que viesse dar solução ao caos existente na Humanidade. Aqueles que seguem a espiritualidade da Nova Era acreditam que um novo messias virá que os levará à mudança de era (Era do Aquário).

Esta vivência do religioso é marcada por rituais pré-cristãos, ou seja, práticas neopagãs³³ que incluem tradições espirituais relacionadas com a espiritualidade feminista, com a magia, bruxaria e com as festividades das estações e da terra. Esta é uma das características centrais desta nova espiritualidade; é efetivamente a sacralização da natureza que faz a união entre natureza e revelação, vendo em cada fenómeno a manifestação e expressão de algo superior, divinizando-o. Isto levou ao regresso das antigas religiões tradicionais pagãs e ao ciclo natural das festas agrícolas, em honra de elementos como o Sol, a Lua e a chuva e das festas da fertilidade³⁴.

“A grande confusão criada pelas doutrinas religiosas e os julgamentos morais levaram a que muitas pessoas se afastassem da fé cristã e se voltassem para as práticas mágicas. A magia e os fenómenos religiosos estão muitas vezes relacionados

³² Anexo 2, p. 95.

³³ “Neopaganismo: Na onda de reação contra as religiões tradicionais, especialmente contra a herança judaico-cristã, do Ocidente, são muitos os que se voltaram para as antigas religiões indígenas tradicionais, pagãs. Considera-se que tudo quanto precedeu o Cristianismo era mais conforme com o espírito da terra e da nação, o que era uma forma pura da religião natural, em contacto com as forças da Natureza, muitas vezes matriarcal, mágica ou xamânica. Segundo dizem, a Humanidade será melhor se voltar ao ciclo natural das festas agrícolas e à afirmação geral da vida.”. In BORAU, J. – *Os Novos Movimentos Religiosos*, p. 32.

³⁴ Anexo 2, p. 95.

com a Natureza.”³⁵. A magia é encarada como uma técnica da Nova Era para alcançar poder e controlar o mundo, devido à ausência de outras formas que o façam. Associados à magia ressurgem o ocultismo e o esoterismo transformando-se em deuses e deusas.

Outra característica da espiritualidade da Nova Era é o deslumbramento perante manifestações extraordinárias, nomeadamente consideradas como paranormais. Estas, podem ser de dois tipos: contactos entre seres espirituais (por exemplo: mestres, espíritos dos mortos e anjos) com entidade humana (normalmente reconhecida como «médium») sendo este processo do êxtase, chamado na Nova Era de *channeling*³⁶, em que o médium ao fazer este contacto pode perder o controlo do seu corpo. Em segundo lugar surge a ideia de que o eu individual é capaz de se transcender e de se encontrar com as dimensões místicas do seu subconsciente. A isto chama-se geralmente o Eu Superior, o Deus Eu ou o Mestre Interior. O caminho em direção a esta realidade encontra-se numa descoberta de si mesmo e na transformação pessoal.

“Na Nova Era frequentemente não se reconhece nenhuma autoridade espiritual mais elevada do que a experiência interior de cada pessoa.”³⁷; o divino não é encarado como pessoa, mas sim como a expressão mais elevada da consciência cósmica, ou seja, uma postura panteísta. “Fala-se de Deus, mas não de um Deus pessoal. O Deus de que a Nova Era fala não é nem pessoal nem transcendente. Não é nem Criador livre nem o amoroso regente de Universo, «uma energia impessoal», imanente ao mundo, com o qual constitui uma «unidade cósmica»: «Tudo é um». (...)”

³⁵ BORAU, J. – *Os Novos Movimentos Religiosos*, p. 19.

³⁶ “*Channeling*: palavra que significa «canalização». Os médiuns psíquicos afirmam ser canais de informação de outros eus, normalmente entidades incorpóreas que vivem noutra plano. Está relacionado com seres tão diversos como mestres excelsos, anjos, deuses, entidades colectivas, espíritos da Natureza e o Eu Superior.”. In BORAU, J. – *Os Novos Movimentos Religiosos*, p. 31.

³⁷ CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA; CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER RELIGIOSO – *Jesus Cristo, Portador da água viva*, p. 24.

Deus é o «princípio da vida», o «espírito ou alma do mundo», a soma total da consciência existente no mundo. Em certo sentido, tudo é Deus.”³⁸

O ser humano é a projeção da energia cósmica, não havendo lugar para a revelação transcendente, pois o mundo externo é a nossa própria projeção e, se se pode falar de alguma conversão ela é mental, ou seja, gnóstica e não espiritual. A gnose³⁹ é considerada como a salvação, a forma mais elevada da consciência, que é feita através da procura das tradições mais antigas da filosofia e da religião e de uma doutrina esotérica. Todos os ensinamentos esotéricos são recebidos pelos discípulos, orientados por mestres que seguem um programa gradual de iniciação.

A ligação do ser humano com Deus não é vista como uma relação de diálogo e de aliança e assim já não necessita de Revelação, pois a fé é substituída pelo conhecimento e pela experiência; Graça, pois bastam-lhe os poderes mentais e de consciência; Salvação e Salvador, pois salva-se a si mesmo, através de práticas e terapias conseguindo libertar o mal. Este percurso de autossalvação realiza-se em várias fases: meditação, harmonia física e libertação de energias de autocura. São considerados os pontos de partida que levam as pessoas a adquirir autocontrolo e concentração psíquica, transformando o indivíduo em consciência cósmica.

³⁸ *Ibidem*, p. 38.

³⁹ Gnosticismo: Em sentido amplo, é uma forma de conhecimento não intelectual, mas sim visionário ou místico, que se acredita ter sido revelada e poder unir o ser humano com o mistério divino. (...) Alguns vêem um renascer das ideias gnósticas em grande parte do pensamento da Nova Era, havendo mesmo alguns autores que citam o gnosticismo primitivo. No entanto, a acentuação do monismo e até mesmo do panteísmo ou panenteísmo, que é típica da Nova Era, leva algumas pessoas a utilizarem o termo neognosticismo para distinguirem a gnose da Nova Era do gnosticismo antigo. In BORAU, J. – *Os Novos Movimentos Religiosos*, p. 32.

5.2.3 A Nova Era como resposta à crise atual

A Nova Era surge como resposta a uma mudança de uma visão quase intuitiva acerca de Deus para uma visão científica da realidade. Muitas são as razões para esta mudança, mas todas elas estão relacionadas com a nova visão do mundo que passa pelo individualismo e pela experimentação. Podem-se identificar três motivos que deram origem a esta mudança: em primeiro lugar, muito daquilo que habitualmente as religiões tradicionais ofereciam é posto em causa, sobretudo após as experiências negativas ocorridas no século XX e manifestado pela primeira vez nas revoluções estudantis de 1968, o que levou as pessoas a questionarem a existência de Deus e a sua atuação no mundo.

“Uma perda geral de fé naqueles que, anteriormente, eram os pilares da consciência e da coesão social foi acompanhada de um inesperado retorno a uma religiosidade cósmica, aos rituais e credos que muitos consideravam que já tivessem sido suplantados pelo Cristianismo.”⁴⁰

O segundo motivo está relacionado com a sobrevivência das religiões pagãs pré-cristãs que se mantiveram muito fortes ao longo dos tempos e que propõem uma forma mais autêntica de vivência da religião ligada à terra e à Natureza. “A Nova Era critica tudo e todos para redescobrir o mito da terra-mãe, a deusa Gaia como última emanção da divindade cósmica. Deus é a emanção da nossa mente e esta a emanção da mente universal. Não somos diferentes de Deus mas uma só realidade com Deus, embora, neste particular, encontremos sensibilidades diferentes dentro dos autores-teólogos da Nova Era que não aceitam um panteísmo puro e simples.”⁴¹.

O último motivo relaciona-se com a desilusão face às religiões que comumente são chamadas de institucionais devido ao interesse emergente das religiões orientais na cultura ocidental. Surge a ideia que se podem juntar determinados aspetos das várias religiões e criar uma religião universal.

⁴⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA; CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER RELIGIOSO – *Jesus Cristo, Portador da água viva*, p. 29.

⁴¹ NEVES, Carreira das – *As novas seitas cristãs e a bíblia*, p. 248.

5.3 A Nova Era e a fé cristã

O fenómeno da Nova Era é um dos desafios mais urgentes à fé cristã, pois propõe teorias e doutrinas sobre Deus e o mundo que com esta não são compatíveis. A imagem de Deus que é sugerida é de um Deus nem pessoal nem transcendente, mas sim uma unidade cósmica, em que tudo é um. Deus é visto como o início da vida, a alma do mundo, resultando da totalidade da consciência universal, ou seja, tudo é Deus. «Energia divina» e «energia crística» são outros termos que se associam a este Deus da Nova Era, falando-se de Cristo como denominação a alguém que conseguiu atingir um determinado estado de consciência da sua divindade, tornando-se assim um «Mestre universal». Enquanto na fé cristã Jesus de Nazaré é o Cristo, nesta espiritualidade Ele não passa de uma figura histórica, como Buda e outros em que se manifestou a natureza crística.

“Deus não é pessoa, «mas a soma da consciência que existe no universo». E dentro desta «revelação» cósmica, ou deste plano «divino» do cosmos, espera-se na idade do aquário a vinda de um Avatar especialmente preparado e cheio de «pleroma» cósmico-divino, que tanto se chama o Cristo dos cristãos, como o Senhor Maitreya, ou o Krishna, ou o Messias, ou o Imam Madhî, ou o Boddhisatva. Todas as religiões esperam este Avatar-Salvador como encarnação do deus-energia cósmica. O Cristo cósmico trabalhou em Jesus de Nazaré para inaugurar a idade zodiacal dos peixes, como vai aparecer agora como o grande e último Avatar para inaugurar a idade zodiacal do aquário.”⁴².

O verdadeiro Cristo cósmico são todos os cristãos como membros do seu corpo que é a Igreja e desde os primórdios do Cristianismo não se esperava nenhuma era cósmica. Os primeiros cristãos foram confrontados com as religiões gnósticas, mas ao invés de as ignorar, aplicaram termos usados para as divindades cósmicas a Cristo. Um dos melhores exemplos encontra-se na carta de S. Paulo aos Colossenses:

⁴² *Ibidem*, p. 245.

“É Ele a imagem do Deus invisível,
o primogénito de toda a criatura;
porque foi nele que todas as coisas foram criadas,
no céu e na terra,
as visíveis e as invisíveis,
os Tronos e as Dominações,
os Poderes e as Autoridades,
todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele.
Ele é anterior a todas as coisas
e todas elas subsistem nele.
É Ele a cabeça do Corpo,
que é a Igreja.
É Ele o princípio,
o primogénito de entre os mortos,
para ser Ele o primeiro em tudo;
porque foi nele que aprovou a Deus
fazer habitar toda a plenitude
e, por Ele e para Ele, reconciliar todas as coisas,
pacificando pelo sangue da sua cruz,
tanto as que estão na terra
como as que estão no céu.” (Cl 1, 15-20)

Tanto nesta carta como em geral no Novo Testamento encontra-se de forma clara, contrariamente ao que propõe a Nova Era, que Deus é uma Trindade de Pessoas que criou a humanidade e que a genuína espiritualidade não se baseia apenas na busca de Deus, mas também na vontade de Deus em partilhar a sua vida com os seres humanos; é uma relação que através da sua graça, gradualmente, se vai tornando mais profunda e que estreita a relação com o próximo e com o universo. A mística da Nova Era centra-se na experiência de cada pessoa voltar-se para si mesmo, para ser apenas um com o universo.

Enquanto na fé cristã considera-se que Jesus Cristo tem duas naturezas, a humana e a divina, revelando todo o amor de Deus Pai pela humanidade: “Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna.” (Jo 3, 16), o Cristo cósmico da Nova Era é um modelo suscetível de surgir em várias pessoas, em vários tempos e em vários lugares, como um potencial dentro de cada uma destas. No Cristianismo, cada ser humano é convidado a viver e a participar na vida de Cristo, a viver em Cristo, pois através da encarnação, Deus dá-se a todas as criaturas, especialmente às mais frágeis e humildes, menos dotadas segundo os valores do mundo.

Na literatura da Nova Era Cristo é apresentado como um de muitos sábios ou avatares, universal, impessoal e que não é o Jesus histórico; não é considerado o único Cristo e a sua morte na cruz é negada, pois enquanto Cristo, não poderia ter passado por este sofrimento. Encontram-se nesta literatura os documentos apócrifos (considerados como fontes autênticas) que relatam revelações sobre Jesus. Do ponto de vista cristão Jesus Cristo é o Jesus de Nazaré, filho de Maria e o único Filho de Deus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, tal como é relatado nos Evangelhos e afirmado no Credo de Niceia-Constantinopla: “E por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos céus. E encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e Se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia e subiu aos Céus, onde está sentado à direita do Pai”.

Relativamente ao conceito de Deus não existe aproximação entre a fé cristã e a Nova Era, pois para esta o conceito é muito vago e para os cristãos é muito claro. O Deus da Nova Era é visto como uma energia impessoal, é a força vital ou a alma do mundo que está presente em cada ser, fazendo que alguns seres humanos pensem em si mesmos como deuses. Por este motivo afirma-se que Deus deve ser procurado dentro do próprio eu. Sobre este conceito, Joaquim Carreira das Neves, na sua obra *As novas seitas cristãs e a Bíblia*, afirma: “O Deus da Nova Era é o Deus da minha interiorização e iluminação pessoal, venham elas através da meditação, do *chanelling*, da vibração da ordem cósmica. Deus não habita na história da relação mas na minha história ou na minha biografia que eu crio a mim mesmo. Não é o Deus de Abraão,

Isaac e Jacob, Moisés, Profetas e Jesus Cristo, nem o Deus da criação, está no princípio de tudo e de todos, mas o Deus apenas do presente criado pelas minhas vibrações. Sou eu como ser cósmico que crio o próprio Deus. (...) Ele está escondido dentro de nós e só falta que salte cá para fora através das nossas vibrações e emoções e experiências místicas.”⁴³.

A interpretação cristã de Deus é a de um Deus pessoal, trinitário, criador do Universo com o intuito de entrar em comunhão com as criaturas. “Aproveite a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério da sua vontade, por meio do qual os homens, através de Cristo, Verbo Encarnado têm acesso ao Pai no Espírito Santo e n’Ele se tornam participantes da natureza divina. Por consequência, em virtude desta revelação, Deus invisível, na abundância do seu amor, fala aos homens como amigos e conversa com eles, para os convidar e receber em comunhão com Ele.”⁴⁴. “(...) Quer comunicar a sua própria vida divina aos homens que livremente criou, para fazer deles, no seu Filho único, filhos adotivos. Revelando-Se a Si mesmo, Deus quer tornar os homens capazes de Lhe responderem, de O conhecerem e de O amarem, muito para além de tudo o que seriam capazes por si próprios.”⁴⁵. Deus não é entendido como uma força do cosmo, mas sim como o Amor supremo presente em tudo e que leva os seres humanos à salvação. A salvação procede de uma relação pessoal com Deus e na participação na paixão, morte e ressurreição de Cristo. “A salvação não é uma experiência do si-próprio, uma paragem meditativa e intuitiva em si mesmo, mas é o perdão do pecado, a libertação das profundas ambivalências que albergamos dentro de nós e a consecução da paz dos sentidos, mediante o dom da comunhão com um Deus amoroso. O caminho da salvação não se encontra numa simples transformação auto-induzida da consciência, mas uma libertação do pecado e das suas consequências que nos levam a lutar contra

⁴³ NEVES, Carreira das – *As novas seitas cristãs e a bíblia*, p. 249.

⁴⁴ *Dei Verbum*, 2.

⁴⁵ IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, 1992, 52.

o pecado que está em nós mesmos e na sociedade que nos circunda.”⁴⁶. “O pecado é uma falta contra a razão, a verdade, a recta consciência. É uma falha contra o verdadeiro amor para com Deus e para com o próximo, (...) fere a natureza do homem e atenta contra a solidariedade humana. (...) O pecado é o amor de si próprio levado até ao desprezo de Deus.”⁴⁷.

Para a Nova Era o pecado é apenas um conhecimento imperfeito que pode ser superado através de técnicas psicofísicas especiais, havendo uma série de formas de encontrar a realidade do interior, seguindo os ditames da intuição e da inteligência, auxiliados pela confiança individual.

A Nova Era acusa o Cristianismo de desconfiança face à mística, de uma exagerada insistência na ortodoxia da doutrina que levou a que o Cristianismo, sobretudo nos últimos anos, fosse sendo reduzido a um sistema ético, levando muitos a procurar um sentido de vida diferente. Por um lado, o Credo, os Sacramentos e os Mandamentos foram perdendo impacto no quotidiano das pessoas e enquanto doutrina de vida e por outro lado prega a união com Deus mas não oferece os caminhos adequados para essa mesma união. Paralelamente, vem do Oriente o ensinamento que a religiosidade do Homem está na experiência e oferece técnicas, caminhos e modos de aproximação ao transcendente, descobrindo assim o conhecimento do eu profundo, do mundo e de Deus. Curiosamente e apesar desta crítica, encontra-se na Nova Era uma base de mandamentos/imposições que orientam os seus seguidores. “Os mandamentos da Nova Era:

1. Esperarás com impaciência pela Era do Aquário.
2. Acreditarás firmemente na grande mutação.
3. Despertarás atentamente o teu nível de consciência.
4. Ocupar-te-ás activamente do teu corpo, uma vez que ele é uma parte do todo cósmico.
5. Seguirás os gurus com respeito.

⁴⁶ CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA; CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER RELIGIOSO – *Jesus Cristo, Portador da água viva*, p. 66.

⁴⁷ *Catecismo Igreja Católica*, 1848, 1850.

6. Acreditarás firmemente no irracional.
7. Venerarás religiosamente a deusa Gaia.
8. Rejeitarás severamente as religiões tradicionais.
9. Falarás com os espíritos com toda a naturalidade.
10. Rir-te-ás da morte, serenamente.”⁴⁸.

Os valores da cultura moderna como a liberdade, a autenticidade e a autonomia são considerados sagrados, o que constituiu um fascínio da ausência das obrigações supostamente impostas pelas religiões tradicionais, nomeadamente opondo-se constantemente à revelação cristã. As pessoas sentem que a religião cristã não lhes oferece resposta ao mundo moderno, acesso a uma espiritualidade mais profunda e é uma presença descontextualizada perante as problemáticas da história. Pode dizer-se que o que levou a todo este processo foi o afastamento do cristianismo de sectores inteiros como a descristianização, a dessacralização e a secularização. Como diz o Cardeal Garrone: “o que nós chamamos de descristianização consiste mais exatamente na aparição, dentro do mundo, dentro de todo o homem, de um estado inédito. Este estado traduz-se nas estruturas pela ausência radical e normal de toda a impregnação, não só cristã, mas também religiosa. É algo totalmente novo. Não é tanto uma descristianização, mas a aparição de algo estranho que não é, por si, hostil ao cristianismo”⁴⁹.

A partir do Concílio Vaticano II a Igreja Católica aprofundou a necessidade de abertura às situações humanas e à leitura das conjunturas histórico-sociais. “A procura de novas vias, novos métodos, novas expressões para evangelizar o mundo de hoje, é determinado pelo contexto inédito do homem contemporâneo, apresentado vários desafios: desafio do pluralismo (vivemos numa pluralidade de modelos culturais); desafio do secularismo (desvalorização do facto religioso); desafio do imanentismo (afirmação da cultura laica que exclui do seu horizonte a perspectiva religiosa ou da transcendência); desafio da ignorância religiosa (muitas deficiências nos processos de

⁴⁸ BORAU, J. – *Os Novos Movimentos Religiosos*, p. 29.

⁴⁹ BARBOSA, A. – *A nova evangelização*. Lisboa: Paulinas, 1994, p. 30.

iniciação cristã); desafio da nova pergunta religiosa (muitas pessoas hoje interrogam-se, estão na busca do sentido profundo da vida)⁵⁰.

O Papa João Paulo II baseando-se nos princípios/orientações saídos do Vaticano II propôs à Igreja que fizesse uma reflexão no sentido de criar novas formas de evangelização adaptadas ao mundo moderno. Na Carta Encíclica *A missão de Cristo Redentor* assume que chegou o momento de unir todos os esforços para a nova evangelização que é evidente a urgência da missão e que ninguém se pode desviar desta obrigação: anunciar Cristo a toda a gente. “Deus abre, à Igreja, os horizontes de uma humanidade mais preparada para a sementeira evangélica. Sinto chegado o momento de empenhar todas as forças eclesiais na nova evangelização e na missão *ad gentes*. Nenhum crente, nenhuma instituição da Igreja se pode esquivar deste dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos”⁵¹. Mantendo o conteúdo (o anúncio do *kerigma*), mas inovando na atuação chegou-se a uma dinâmica a que se chamou Nova Evangelização.

A proposta que irá ser apresentada na terceira parte é a inclusão da Nova Evangelização da Unidade Letiva 5, pois ambas, Nova Era e Nova Evangelização propõem uma novidade na forma, e não no conteúdo, para responder à inquietude do mundo moderno. Desta forma, os alunos poderão tomar consciência da problemática tentadora da Nova Era e simultaneamente perceber que a Igreja Católica propõem um caminho completamente diferente para alcançar a felicidade.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ JOÃO PAULO II – *Redemptoris Missio*, 1990, p. 9.

6. A NOVA EVANGELIZAÇÃO

6.1 Fundamentos históricos

6.1.1 Concílio Ecuménico Vaticano II

Em 1962 o Papa João XXIII inaugurou o Concílio Vaticano II com um discurso em que referiu a necessidade da Igreja Católica dar um salto para a frente, na busca de uma nova forma de transmissão da fé ao mundo. Mantendo a tradição viva da Igreja havia a necessidade de encontrar novas formas de diálogo de apresentação, método e capacidade de comunicação social da fé. “Para que esta doutrina atinja os múltiplos níveis da atividade humana, que se referem aos indivíduos, às famílias e à vida social, é necessário primeiramente que a Igreja não se aparte do património sagrado da verdade, recebido dos seus maiores; e, ao mesmo tempo, deve também olhar para o presente, para as novas condições e formas de vida introduzidas no mundo hodierno, que abriram novos caminhos ao apostolado católico”⁵².

Apesar de neste concílio não ser utilizada a expressão nova evangelização, apresentou a evangelização como a principal tarefa da Igreja exigindo novas formas de transmissão do Evangelho, tendo presente que é necessária e urgente uma Igreja essencialmente missionária, renovada e eficaz, continuando hoje o mandato de Cristo de anunciar a verdade a todos os homens, realidade que é afirmada sobretudo nas constituições *Lumen gentium* e *Gaudium et spes*, mas também na *Sacrosanctum Concilium* e na *Dei Verbum*. A *Gaudium et spes* que visa a pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo demonstra que a Igreja deve olhar para fora de si mesma tendo que perscrutar os sinais do tempo para uma nova relação Igreja-Mundo, ou seja, mantendo um diálogo com o mundo reconhecendo que assim como a Igreja pode prestar ajuda ao homem - “é certo que a missão própria que Cristo confiou à sua Igreja não é de ordem política nem de ordem económica ou social: o fim que lhe marcou é de origem religiosa. Mas, precisamente desta missão religiosa fluem uma missão, luz e forças que podem servir para estabelecer e consolidar a comunidade humana segundo

⁵² JOÃO XXIII – *Discurso na sessão inaugural do Concílio Ecuménico Vaticano II*, 1962, V, 5.

a Lei divina. Do mesmo modo, onde for necessário, e tendo em conta as circunstâncias de tempo e de lugar, a mesma Igreja pode e deve estimular obras destinadas ao serviço de todos”⁵³ ao mesmo tempo recebe ajuda do mundo moderno - “a Igreja tem particular necessidade do auxílio daqueles que, vivendo no mundo, conhecem as várias instituições e as diferentes disciplinas, e entendem as suas razões íntimas, quer se trate de crentes, quer de não crentes”⁵⁴.

No diálogo com o mundo a Igreja deve ter como fundamento a dignidade da pessoa humana, estar atenta às interrogações e problemas do mundo, seus anseios e aspirações, dando abertura aos valores humanos e religiosos das tradições dos não católicos, das tradições religiosas não cristãs, de todos os homens, povos e culturas, tendo sempre em conta que a evangelização deve ser realizada em regime de liberdade. “O Concílio, ao afirmar o direito à liberdade religiosa, encerra definitivamente o período da cristandade. A partir da sua posição evangélica na comunidade política, enfrenta uma nova visão da realidade, na qual, com um profundo respeito ante a liberdade do homem, reconhece a original autonomia das suas atividades e a presença dos sinais de Deus e dos tempos no devir da história, além das suas fronteiras eclesiais”⁵⁵.

Na *Lumen gentium* (constituição dogmática sobre a Igreja) o modelo clero/povo é substituído pela expressão Povo de Deus, sendo este constituído por todos os seus membros enquanto batizados e com igual corresponsabilidade na tarefa de evangelizar, ou seja, por todos os bispos, presbíteros, diáconos, religiosos e leigos. Com o Concílio os leigos passam a ter plena responsabilidade na Igreja e a ideia de clericalismo é posta de parte, insistindo-se na soberania das Igrejas locais para que todos possam colocar de forma melhorada os seus dons ao serviço da Igreja. “(...) cada parte contribui com os seus dons peculiares para as demais e para toda a Igreja, de modo que o todo e cada parte crescem por comunicação mútua e pelo esforço comum

⁵³ *Gaudium et Spes*, 42.

⁵⁴ *Ibidem*, 44.

⁵⁵ BARBOSA, A. – *A nova evangelização*. Lisboa: Paulinas, 1994, p. 33.

em ordem a alcançar a plenitude na unidade. É por isso que o Povo de Deus não só reúne povos diversos, mas ainda comporta em si mesmo variedade orgânica. Entre os seus membros reina a diversidade, quer nos cargos e assim, alguns exercem o sagrado ministério para o bem dos seus irmãos, que na condição e no modo de vida, e assim muitos no estado religioso, procurando a santidade por um caminho mais estreito, são um estímulo e exemplo para os seus irmãos. É ainda por este motivo que existem legitimamente, no seio da comunhão eclesial, Igrejas particulares, gozando de tradições próprias, sem prejuízo do primado da Sede de Pedro, que preside à comunhão universal da caridade, protege as diferenças legítimas e vela por que as particularidades, longe de serem nocivas, antes contribuam unicamente para a unidade. (...) A esta unidade católica do Povo de Deus, que prefigura e promove a paz universal, são chamados todos os homens: a ela pertencem ou para ela se orientam, embora de maneira diferente, tanto os católicos como todos os cristãos e mesmo todos os homens em geral, chamados pela graça de Deus à salvação”⁵⁶.

⁵⁶ *Lumen Gentium*, 13.

6.1.2 Papa Paulo VI

“O que é feito da Igreja passados dez anos após o final do Concílio? Acha-se ela radicada no meio do mundo e, não obstante livre e independente para interpelar o mesmo mundo? Testemunha ela solidariedade para com os homens e, ao mesmo tempo, o absoluto de Deus? É ela hoje mais ardorosa quanto à contemplação e à adoração, e mais zelosa quanto à ação missionária, caritativa e libertadora? Acha-se ela cada vez mais aplicada nos esforços por procurar a recomposição da unidade plena entre os cristãos, que torna mais eficaz o testemunho comum, afim de que o mundo creia? Todos somos responsáveis das respostas que se possam dar a estas interrogações”⁵⁷.

Passados dez anos do encerramento do Vaticano II o Papa Paulo VI apresenta a Exortação Apostólica *Evangeli Nuntiandi* onde faz uma revisão dos resultados deste concílio e ao refletir sobre a evangelização destaca três dimensões fundamentais: a missionária⁵⁸, a humanização evangélica das culturas⁵⁹ e a libertação dos oprimidos⁶⁰. Nela a natureza missionária da Igreja é destacada, dá-se prioridade à atividade evangelizadora e apresentam-se os desafios colocados à Igreja no mundo atual e os compromissos fundamentais da evangelização.

Como se pode definir o conceito de evangelização? Na EN o Papa Paulo VI refere que é difícil encontrar uma definição pois ao fazê-la há o perigo de reduzir a meras palavras todo o seu conteúdo. “Nenhuma definição parcial e fragmentária, porém, chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar. É

⁵⁷ PAULO VI – *Evangeli Nuntiandi*, 1975, 76.

⁵⁸ Cf. *Ibidem*, 23.

⁵⁹ Cf. *Ibidem*, 18-20.

⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 30-39.

impossível captá-la se não se procurar abranger com uma visão de conjunto todos os seus elementos essenciais”⁶¹.

Paulo VI considera que um dos dramas de todas as épocas tem sido a rutura entre o Evangelho e a cultura, esquecendo-se que o anúncio do Evangelho (Boa Nova) é o elemento fundamental da evangelização. “O Evangelho, e conseqüentemente a evangelização, não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas. E no entanto, o reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do reino não pode deixar de servir-se de elementos da civilização e das culturas humanas. O Evangelho e a evangelização independentes em relação às culturas, não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de as impregnar a todas sem se escravizar a nenhuma delas”⁶². Evangelização é em primeiro lugar testemunho e ao mesmo tempo o anúncio explícito do Evangelho. É levar a Boa Nova a toda a humanidade, de forma pessoal e comunitária, promovendo o homem novo através de Jesus Cristo ressuscitado. “A evangelização, por tudo o que dissemos é uma diligência complexa, em que há variados elementos: renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas de apostolado”⁶³.

Apesar da expressão Nova Evangelização não surgir na EN Paulo VI sublinha a importância da necessidade de se encontrar novas formas que se adaptem às circunstâncias do tempo e lugar na transmissão do Evangelho. “Este problema do «como evangelizar» apresenta-se sempre atual, porque as maneiras de o fazer variam em conformidade com as diversas circunstâncias de tempo, de lugar e de cultura, e lançam, por isso mesmo, um desafio em certo modo à nossa capacidade de descobrir e de adaptar. A nós especialmente, Pastores da Igreja, incumbe o cuidado de remodelar com ousadia e com prudência e numa fidelidade total ao seu conteúdo, os processos,

⁶¹ *Ibidem*, 17.

⁶² *Ibidem*, 20.

⁶³ *Ibidem*, 24.

tornando-os o mais possível adaptados e eficazes, para comunicar a mensagem evangélica aos homens do nosso tempo”⁶⁴.

Desta Exortação Apostólica pode-se retirar alguns conteúdos válidos para a “Nova Evangelização” como: o primado do testemunho, a exigência de conhecer novos instrumentos de comunicação, a liturgia e uma forte exortação a toda a Igreja (bispos, presbíteros, diáconos, religiosos e leigos) sobre a necessidade de transmitir o Evangelho não só por palavras mas também por obras⁶⁵.

⁶⁴ *Ibidem*, 40.

⁶⁵ *Cf. Ibidem*, 76.

6.1.3 Papa João Paulo II

A primeira vez que o Papa João Paulo II utilizou a expressão «nova evangelização» foi em 9 de junho de 1979 aquando da sua visita apostólica à Polónia, mais precisamente a Nova Huta, na sua homília em que lembrou um pouco da história do povo polaco, nomeadamente das suas dificuldades face ao regime comunista. “Onde a cruz é erguida, aí fica o sinal de que chegou a Boa Nova da salvação ao homem mediante o amor. Onde a cruz é erguida surge o sinal de que começou a evangelização. Antigamente, os nossos pais levantaram, em vários lugares desta nossa terra polaca, a cruz como sinal de que já tinha chegado o Evangelho, que a evangelização tinha começado, a qual devia existir ininterruptamente até aos dias de hoje. Com este pensamento foi levantada também a primeira cruz em Mogila, nas vizinhanças de Cracóvia, na serra de Stara Huta. A nova cruz de madeira foi levantada não muito longe daqui, exatamente durante as celebrações do milénio. Através dela recebemos um sinal, na vigília do novo milénio – nestes novos tempos, nestas novas condições de vida – volta a ser anunciado o Evangelho. Iniciou-se uma nova evangelização como se tratasse de um segundo anúncio, ainda que na realidade seja sempre o mesmo. Ergue-se a cruz sobre o mundo que se transforma”⁶⁶.

Em 1983 o Papa João Paulo II dirigiu-se ao Haiti para participar na Conferência Episcopal da América Latina (CELAM) onde, falando aos bispos, reconheceu o importante papel da Igreja nesta zona do planeta através de uma perseverante evangelização decorrida ao longo de cinco séculos. Por um lado, agradeceu a Deus a vocação cristã e católica da América Latina e o empenhamento de todos que contribuíram para a evangelização, por outro lado lançou o desafio da nova evangelização: “nova no seu ardor, nos seus métodos e nas suas expressões”⁶⁷. Por ocasião do V Centenário da Evangelização da América Latina, em 1992, realizou-se em S. Domingos a IV Conferência do Episcopado Latino-americano, subordinado ao tema «Nova Evangelização» em que o Papa referiu que a nova evangelização encontra a sua

⁶⁶ FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*. Lisboa: Paulus, 2012, p. 27-28.

⁶⁷ JOÃO PAULO II – *Discurso à Assembleia do CELAM*, 1983.

orientação na primeira evangelização, não sendo assim uma rutura com o passado, mas antes uma evangelização revitalizada com renovação e esperança. Três foram os grandes objetivos traçados para a nova evangelização para a América Latina, sendo o primeiro aprofundar e fortalecer a fé do povo⁶⁸, o segundo promover a cultura da solidariedade libertadora e fraterna⁶⁹ e o terceiro objetivo é a promoção de um novo modelo de Igreja em continuidade com os dois documentos anteriores de Medellín (1968) e de Puebla (1979)⁷⁰.

“Temos, de facto, uma Europa da cultura com os grandes movimentos filosóficos, artísticos e religiosos que a distinguem e fazem mestra de todos os Continentes; temos a Europa do trabalho que, mediante a investigação científica e tecnológica, se desenvolveu nas várias civilizações, até chegar à actual época da indústria e da cibernética; mas há também a Europa das tragédias dos povos e das Nações, a Europa do sangue, das lágrimas, das lutas, das rupturas e das crueldades mais espantosas. Também sobre a Europa, não obstante a mensagem dos grandes espíritos, se fez sentir, pesado e terrível, o drama do pecado e do mal, que, segundo a parábola evangélica, semeia no campo da história a funesta cizânia. E hoje, o problema que nos preocupa é precisamente salvar a Europa e o mundo de novas catástrofes”⁷¹. Relativamente à Europa João Paulo II denotou grande preocupação sobretudo em relação a determinados problemas tais como: guerras civis e entre nações; grande distinção industrial e tecnológica entre Este e o Oeste no pós II guerra mundial; falta de natalidade e envelhecimento da população e a secularização que levou o Homem a preocupar-se apenas com a sua vida terrena. Que a Europa não volte a passar por estas tragédias foi uma das grandes preocupações de João Paulo II, assim como a necessidade do Cristianismo estar presente em todos os recantos da Europa.

João Paulo II considera que a religião deve ter um papel social e político ativo, rejeitando assim uma sociedade secularizada, onde a Igreja não teria necessariamente

⁶⁸ Cf. *Evangelli Nuntiandi*, 27.

⁶⁹ Cf. JOÃO PAULO II – *Discurso à Assembleia do CELAM*.

⁷⁰ Cf. JOÃO PAULO II – *Christifideles Laici*, 1988, 34.

⁷¹ JOÃO PAULO II – *Discurso aos participantes do Colóquio Internacional sobre as raízes comuns cristãs das nações europeias*, 1981, 2.

um papel dominante, mas contribuindo para a realização da sua missão de procurar sempre que o Homem seja melhor em consciência e dignidade em todos os setores vitais, socialmente responsável e respeitando direitos e deveres. Considera ainda que a Igreja e o Estado devem estabelecer uma relação que vise dar às sociedades civis a vocação humana da Igreja e afirma que a concepção materialista do mundo retira a religião de todas as atividades sociais, tornando-as privadas.

A missão da Igreja é ajudar a Europa a encontrar a sua identidade e a sua alma, encontrando os seus fundamentos numa renovação moral e espiritual da cultura ocidental⁷².

A Exortação Apostólica *Christifideles Laici* e a Encíclica *Redemptoris Missio* foram dois documentos de João Paulo II que contribuíram para este tema da Nova Evangelização. Na Chl é sobretudo do nº 34 ao 44 que a nova evangelização é universalizada – “Chegou a hora de nos lançarmos numa nova evangelização⁷³” – sobressaindo a situação o que se passa no mundo como uma nova etapa histórica do dinamismo missionário⁷⁴, a Igreja que serve a pessoa e a sociedade, revelando o homem ao próprio homem⁷⁵, o homem como centro⁷⁶ e a evangelização da cultura⁷⁷. No nº 34 começa por fazer o contraste entre a situação da Europa e da América Latina, sendo que em relação à Europa – “Países inteiros e nações, onde a religião e a vida cristã foram em tempos tão prósperas e capazes de dar origem a comunidades de fé viva e operosa, encontram-se hoje sujeitos a dura prova, e, por vezes, até são radicalmente transformados pela contínua difusão do indiferentismo, do secularismo e do ateísmo. É o caso, em especial, dos países e das nações do chamado Primeiro Mundo, onde o bem-estar económico e o consumismo, embora à mistura com tremendas situações de pobreza e de miséria, inspiram e permitem viver «como se Deus não existisse». Ora, a indiferença religiosa e a total insignificância prática de Deus

⁷² Cf. JOÃO PAULO II – *Discurso aos participantes da 76ª reunião de Bergedof*, 1984.

⁷³ *Christifideles Laici*, 34.

⁷⁴ Cf. *Ibidem*, 35.

⁷⁵ Cf. *Ibidem*, 36.

⁷⁶ Cf. *Ibidem*, 37-43.

⁷⁷ Cf. *Ibidem*, 44.

nos problemas, mesmo graves, da vida não são menos preocupantes e subversivos do que o ateísmo declarado. E também a fé cristã, mesmo sobrevivendo em algumas manifestações tradicionais e ritualistas, tende a desaparecer nos momentos mais significativos da existência, como são os momentos do nascer, do sofrer e do morrer. Daí que se levantem interrogações e enigmas tremendos, que, ao ficarem sem resposta, expõem o homem contemporâneo à desilusão desconfortante e à tentação de eliminar a mesma vida humana que levanta esses problemas”⁷⁸, no caso da América Latina – “Noutras regiões ou nações, porém, conservam-se bem vivas ainda tradições de piedade e de religiosidade popular cristã; mas, esse património moral e espiritual corre hoje o risco de esbater-se sob o impacto de múltiplos processos, entre os quais sobressaem a secularização e a difusão das seitas. Só uma nova evangelização poderá garantir o crescimento de uma fé límpida e profunda, capaz de converter tais tradições numa força de liberdade autêntica. É urgente, sem dúvida, refazer em toda a parte o tecido cristão da sociedade humana. Mas, a condição é a de se refazer o tecido cristão das próprias comunidades eclesiais que vivem nesses países e nessas nações”⁷⁹.

Na Encíclica *Redemptoris Missio* embora o tema central seja o da primeira evangelização, ou seja, *ad gentes* (para os não cristãos) também dá relevo à nova evangelização, estabelecendo entre elas uma clara diferença, distinguindo os três grandes compromissos evangelizadores da Igreja: missão *ad gentes*, a atividade pastoral (comunidades cristãs) e a nova evangelização (comunidades cristãs desmotivadas ou Igrejas mais jovens)⁸⁰. O Papa, de forma clara e inequívoca, refere que é “chegado o momento de empenhar todas as forças eclesiais na nova evangelização e na missão *ad gentes*”⁸¹. Nesta Encíclica João Paulo II olha com otimismo o futuro associando-o à nova evangelização, num esforço empenhado por todos aqueles que na Igreja acreditam em Deus – “Se se olha superficialmente o

⁷⁸ *Ibidem*, 34.

⁷⁹ *Ibidem*, 34.

⁸⁰ Cf. *Redemptoris Missio*, p. 33.

⁸¹ *Ibidem*, 3.

mundo moderno, fica-se impressionado pela abundância de factos negativos, podendo-se ser levado ao pessimismo. Mas este sentimento é injustificado: nós temos fé em Deus Pai e Senhor, na Sua bondade e misericórdia. Ao aproximar-se o terceiro milénio da Redenção, Deus está a preparar uma grande primavera cristã, cuja aurora já se entrevê”⁸².

Em suma, “João Paulo II fez da nova evangelização o programa pastoral do seu pontificado. O projeto da nova evangelização despertou interesse e entusiasmo na Igreja, chegando até a ser classificado como o primeiro plano pastoral orgânico de toda a Igreja”⁸³.

⁸² *Idem*, 86.

⁸³ BARBOSA, A. – *A nova evangelização*, p.189.

6.1.4 Papa Bento XVI

Seguindo a linha de ação dos seus antecessores o Papa Bento XVI faz da Nova Evangelização uma das linhas mestras do seu pontificado. Em março de 2010 Bento XVI convocou Rino Fisichella para lhe lançar o desafio de assumir a presidência de um novo pontifício conselho para a nova evangelização. A decisão de se instituir este conselho foi tornada oficial durante a celebração das primeiras vésperas da solenidade de São Pedro e São Paulo, na Basílica de São Paulo fora dos muros, onde Bento XVI na sua homilia declarou: “decidi criar um novo Organismo, sob a forma de «Pontifício Conselho», com a principal tarefa de promover uma renovada evangelização nos países onde já ressoou o primeiro anúncio da fé e estão presentes Igrejas de antiga fundação, mas que estão a passar por uma progressiva secularização da sociedade e a viver uma espécie de «eclipse do sentido de Deus», que constituem um desafio a encontrar meios adequados para voltar a propor a verdade perene do Evangelho de Cristo”⁸⁴.

A 21 de setembro do mesmo ano a Carta Apostólica *Ubicumque et semper* marca oficialmente o início do novo dicastério, mostrando que o Papa quer incentivar o espírito missionário da Igreja capaz de promover a nova evangelização principalmente nas regiões do mundo mais afetadas pelo secularismo e nas outras quase descristianizadas: “Ela refere-se principalmente às Igrejas de antiga fundação, que contudo vivem realidades bastante diferenciadas, às quais correspondem diversificadas necessidades, que esperam diferentes impulsos de evangelização: com efeito, em alguns territórios, apesar do progresso do fenómeno da secularização, a prática cristã ainda manifesta uma boa vitalidade e um profundo arraigamento na alma de populações inteiras; noutras regiões, ao contrário, observa-se um distanciamento mais claro da fé por parte da sociedade no seu conjunto, com um tecido eclesial mais frágil, embora não desprovido de elementos de vivacidade, que o Espírito Santo não deixa de suscitar; além disso nós infelizmente conhecemos regiões que parecem quase completamente descristianizadas, em que a luz da fé é confiada ao

⁸⁴ BENTO XVI – *Homília nas primeiras vésperas da Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo*, 2010.

testemunho de pequenas comunidades: estas terras, que teriam necessidade de um renovado primeiro anúncio do Evangelho, parecem ser particularmente refractárias a muitos aspectos da mensagem cristã”⁸⁵.

Para a preparação do Sínodo dos Bispos que se realizará em outubro de 2012 a Cúria Romana apresentou dois documentos, um deles de fevereiro de 2011 intitulado de *Lineamenta* e outro de junho de 2012 o *Instrumentum Laboris*, visando ambos a nova evangelização para a transmissão da fé cristã. No primeiro nele são colocadas várias questões “que se destinam a facilitar a discussão a nível da Igreja universal. (...) Os *Lineamenta* são enviados ao Sínodo dos Bispos das Igrejas Orientais Católicas *sui iuris*, às Conferências Episcopais, aos Dicastérios da Cúria Romana e à União dos Superiores Gerais, organismos com os quais a Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos mantém relações oficiais. Os *Lineamenta* pretendem promover a reflexão sobre este documento nas respectivas estruturas: dioceses, zonas pastorais, paróquias, congregações, associações, movimentos, etc.”⁸⁶. As respostas a estas perguntas foram estudadas e introduzidas no documento *Instrumentum laboris*, que é o documento de trabalho da próxima Assembleia sinodal. O Papa Bento XVI preocupado com o problema do enfraquecimento da fé e conseqüente incapacidade de testemunhar o evangelho tenta colocar a Igreja a reagir e encontrar soluções para que a fé esteja presente em todos os locais onde ela desapareceu e/ou desvigorou.

“A convocação do Sínodo sobre a nova evangelização e a transmissão da fé situa-se dentro desta vontade de relançar o fervor da fé e do testemunho dos cristãos e das suas comunidades. A decisão de concentrar a reflexão sinodal sobre este tema é de facto um elemento a ser lido no interior de um projecto unitário, que tem como suas etapas recentes a criação de um dicastério para a promoção da nova evangelização e a proclamação do Ano da Fé. A partir da celebração do Sínodo espera-se, por isso, que a Igreja multiplique a coragem e as energias em favor de uma nova evangelização que leve a redescobrir a alegria de acreditar e ajude a encontrar o entusiasmo em comunicar a fé. Não se trata apenas de imaginar qualquer coisa de

⁸⁵ *Ubi cumque et semper*.

⁸⁶ IGREJA CATÓLICA – *Lineamenta*, 2011, prefácio.

novo ou de lançar iniciativas inéditas para a difusão do Evangelho, mas de viver a fé na dimensão do anúncio de Deus: «a missão [...] renova a Igreja, revigoriza a fé e a identidade cristã, dá novo entusiasmo e novas motivações. A fé reforça-se oferecendo-a!»⁸⁷.

⁸⁷ IGREJA CATÓLICA – *Instrumentum Laboris*, 2012, 9.

6.2 «Fundamentos bíblico-teológicos»

6.2.1 Jesus Cristo – centro da vida e único salvador

Para os cristãos de todo o mundo a vinda de Jesus é o acontecimento mais importante da História, foi Ele que deu a vida pela humanidade, é em Cristo que se vê o expoente máximo do amor. Um amor gratuito, um amor que a razão não compreende, um amor que não espera nada em troca, ou seja a maior dádiva de Deus ao mundo. “A centralidade do acontecimento – Cristo – baseia-se no facto de que, em Jesus, surge a definitiva revelação de Deus e de que Ele é o Logos de Deus feito carne, o Salvador universal”⁸⁸.

Deus criou-nos para a comunhão consigo, mas pelo pecado o Homem cortou a relação com Ele. Em primeiro lugar, Deus procura o Homem indo ao seu encontro através da criação e em segundo lugar dá o seu Filho pela encarnação. No Evangelho de São João, a encarnação é retratada da seguinte forma: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto do Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14). Ele que foi “gerado eternamente e eternamente amado pelo Pai, como Deus de Deus e Luz da Luz, Ele é o princípio e o arquétipo de todas as coisas, criadas por Deus no tempo”⁸⁹. O Papa João Paulo II transmite que, realmente, Jesus é o princípio e centro de tudo.

Para se evangelizar não se pode por isso esquecer a encarnação, ela é o ponto de partida, é Deus em pessoa que vem ao encontro do homem, é Ele que se quer dar, mostrar o caminho certo. Em Cristo, a religião deixa de ser uma procura cega de Deus, “para se tornar resposta de fé a Deus que se revela: resposta na qual o homem fala a Deus como seu Criador e Pai; resposta feita possível por aquele Homem único, que ao mesmo tempo é o Verbo consubstancial ao Pai, no qual Deus fala a cada homem, e cada homem se torna capaz de responder a Deus (...) Jesus Cristo é o novo início de

⁸⁸ AMATO Ângelo – Jesus Cristo, centro da história da salvação e da vida da Igreja. In CONSELHO DA PRESIDÊNCIA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000 – *Comentário teológico-pastoral à carta de João Paulo II Tertio Millennio Adveniente*. Lisboa: Editora Rei do Livros, 1996, p. 171.

⁸⁹ JOÃO PAULO II – *Tertio Millennio Adveniente*, 1994, 3.

tudo: tudo n’Ele se reencontra, é acolhido e reconduzido ao Criador de Quem teve origem. (...) Em Jesus Cristo, Deus não só fala ao homem, mas procura-o. A Encarnação do Filho de Deus testemunha que Deus procura o homem. É uma busca que nasce no íntimo de Deus e tem o seu ponto culminante na Encarnação do Verbo. Se Deus vai à procura do homem, criado à sua imagem e semelhança, fá-lo porque o ama eternamente no Verbo, e em Cristo quer elevá-lo à dignidade de filho adoptivo. Portanto, Deus procura o homem, que é sua particular propriedade, de um maneira diversa de como o é qualquer outra criatura. Aquele é propriedade de Deus na base de uma opção de amor: Deus procura o homem, impelido pelo seu coração de Pai.”⁹⁰.

Por outro lado para o anúncio do Evangelho há que ter presente toda a misericórdia que Jesus foi mostrando ao longo da sua vida com todos e o ponto máximo desta misericórdia foi a sua morte na cruz, onde Cristo deu a conhecer toda a sua compaixão pelos homens. Porém, “a contemplação do rosto de Cristo não pode deter-se na imagem do Crucificado. Ele é o Ressuscitado!”⁹¹, pois tal como São Paulo na sua primeira Carta aos Coríntios refere que a ressurreição é a razão de ser da fé cristã – “Mas se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã é também a vossa fé” (1 Cor 15, 14). É este Cristo ressuscitado que a Igreja anuncia, seguindo o exemplo de Pedro que chorou a sua negação, mas seguiu o seu caminho convicto do amor por Jesus e de Paulo que após o ter encontrado no caminho de Damasco seguiu Jesus até à morte, convertendo-se e empenhando-se claramente no anúncio do evangelho (mas sabendo sempre que sem Deus não conseguiria fazer nada) diz: “anunciar o evangelho não é título de glória para mim; é antes uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho! Se eu o fizesse por iniciativa própria, teria direito a um salário; mas, já que o faço por imposição, desempenho um encargo que me foi confiado” (1 Cor 9, 16-17). Ele sente que é a sua obrigação anunciar.

Passados dois mil anos a Igreja deve retomar o seu caminho de anunciar Jesus Cristo, na certeza das Suas palavras: “Eu estarei sempre convosco até ao fim do mundo” (Mt 28, 20) pois Ele “é o mesmo, ontem e hoje, e será sempre o mesmo”(Hb

⁹⁰ *Ibidem*, 6-7.

⁹¹ JOÃO PAULO II – *Novo Millennio Ineunte*, 2001, 28.

13, 8). Esta passagem da Carta aos Hebreus é referida como uma base forte da nova evangelização, pois apesar de nova, o que é anunciado tem de permanecer idêntico ao primeiro anúncio da fé⁹². No versículo anterior São Paulo afirma: “Recordai-vos dos vossos guias, que vos pregaram a palavra de Deus; observai o êxito da sua conduta e imitai a sua fé” (Hb 13, 7) mostrando a importância da pregação destes “guias” e do seu estilo de vida para que outros chegassem à fé e assim formassem comunidades cristãs, ou seja, a eficácia do ministério que não se resolve apenas com a pregação, mas com o testemunho que lhe confere credibilidade. “Acreditar não é adesão a um teorema, mas empenhamento de vida que chega até ao dom de si, porque se encontrou Jesus Cristo numa comunidade viva que o anuncia de modo credível”⁹³.

O caminho a percorrer na nova evangelização tem de ser fiel a este fundamento, embora tenha que ir ao encontro da realidade do presente. Os cristãos são chamados a dar razões da sua fé, e como já dizia Pedro na sua primeira carta deve ser feito da seguinte forma – “Este seja feito com bons modos, respeito e mantendo a consciência limpa” (1Pd 3, 16a), assim, o Apóstolo enfatiza que o anúncio não pode ser feito com arrogância e superioridade relativa a outras doutrinas. “A nova evangelização, portanto, exige a capacidade de saber dar razão da própria fé, mostrando Jesus Cristo Filho de Deus, único salvador da humanidade. Na medida em que formos capazes disto, podemos oferecer ao homem contemporâneo a resposta que espera. A nova evangelização recomeça daqui: da convicção que a graça age e transforma até ao ponto de converter o coração e da credibilidade do nosso testemunho. (...) Permanecer isolados dentro das nossas igrejas pode dar-nos alguma consolação, mas tornaria vão o Pentecostes. É tempo de escancarar as portas e voltar a anunciar a ressurreição de Cristo da qual somos testemunhas”⁹⁴.

⁹² Cf. FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*, p. 59.

⁹³ *Ibidem*, p. 61.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 73.

O documento *Instrumentum Laboris* afirma precisamente que a nova evangelização é a altura propícia para os cristãos porem em prática o mandato recebido de Jesus Cristo – dando testemunho e evangelizando⁹⁵.

Como foi explicitado anteriormente, o fundamento da Igreja é Jesus Cristo e Ele é o ponto fulcral da ação de cada cristão e por isso a Igreja está constantemente a ir ao encontro do seu Senhor. Ele é a “pedra angular” (Mt 21, 42), a “rocha” (Mt 7, 24-25) e será sempre o mesmo. Voltando ao capítulo 13 da Carta aos Hebreus, no versículo 9, Paulo exorta os cristãos a “não vos deixeis levar por nenhum tipo de doutrinas estranhas. O melhor é fortalecer o coração pela graça”, como se estivesse a ver para além do seu tempo antevendo a possibilidade do aparecimento de diversas filosofias e ideologias que pudessem ir contra a estabilidade e integridade da fé. “Na mesma linha também São Pedro fala dos «falsos profetas» (2Pd 2, 1), ao passo que São João acrescenta a estes ainda «muito sedutores» (2Jo 2, 7). Talvez esta seja nos nossos dias a forma a que devemos reservar maior vigilância: a sedução dos pregadores que sem a necessária preparação intelectual, tocam com insistência as cordas dos sentimentos, perspetivando utopias que, ao prometer sonhos de felicidade, relegam para uma solidão ainda maior”⁹⁶.

Será que se pode relacionar a Nova Era com estas expressões de Paulo, de Pedro e de João?

No Novo Testamento encontram-se narrados vários encontros com Jesus, sendo um dos mais célebres é o do encontro com a Samaritana junto a um poço. Este poço é carregado de simbolismo pois é dele que Jesus oferece água à mulher, não uma água qualquer, mas sim de vida eterna – “mas, quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna” (Jo 4, 14). A forma calma como Jesus fala com esta mulher deve ser visto como um exemplo de eficiência pastoral. “Esta aproximação poderia ser muito frutuosa com as pessoas que podem ser atraídas pelo Aquário, mas que ainda

⁹⁵ Cf. *Instrumentum Laboris*, 20.

⁹⁶ FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*, p. 62.

procuram a verdade de modo autêntico. Seria necessário convidá-las a ouvir Jesus que não nos oferece só algo que satisfaça a nossa sede quotidiana, mas também a profunda e escondida sede espiritual da «água viva»⁹⁷.

Enquanto que os seguidores da Nova Era aguardam a vinda de um novo messias para inaugurar a Era do Aquário, era sem guerras, violência e conflitos humanos e naturais, os cristãos vivem constantemente num estado de alerta, prontos para os últimos dias em que Cristo voltará. A sua Nova Era começou há dois mil anos com Cristo, que é aquele “Jesus de Nazaré, o Verbo de Deus feito homem para a salvação de todos”⁹⁸. Através do Espírito Santo, Jesus é não só o centro da mensagem transmitida a toda a humanidade, como a realização do encontro com Ele para chegar a Deus Pai. É esta transmissão da fé que pode originar as circunstâncias necessárias para o encontro com a pessoa de Cristo. Este encontro deve ter como finalidade colocar o homem na relação existente entre o Filho e o Pai para comungar da força do Espírito⁹⁹.

“A presença e a atividade do Espírito não tocam somente os indivíduos, mas também a sociedade e a história, os povos, as culturas e as religiões”¹⁰⁰. De facto, “de todos eles, é animador o Espírito do Pai, que o Filho do homem doa com liberalidade”¹⁰¹.

⁹⁷ CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA; CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER RELIGIOSO – *Jesus Cristo, Portador da água viva*, p. 74-75.

⁹⁸ *Redemptoris Missio*, 6.

⁹⁹ Cf. *Lineamenta*, 11.

Cf. *Instrumentum Laboris*, 18.

¹⁰⁰ *Redemptoris Missio*, 28.

¹⁰¹ IGREJA CATÓLICA – *Declaração Dominus Iesus*, 2000, 12.

6.2.2 Espírito Santo – principal agente da missão

“A missão da Igreja, tal como a de Jesus, é obra de Deus, ou, usando uma expressão frequente em S. Lucas, é obra do Espírito Santo. Depois da ressurreição e ascensão de Jesus, os apóstolos viveram uma intensa experiência que os transformou: o Pentecostes. A vinda do Espírito Santo fez deles testemunhas e profetas (cf. Act 1, 8; 2, 17-18), infundindo uma serena audácia, que os leva a transmitirem aos outros a sua experiência de Jesus e a esperança que os anima. O Espírito deu-lhes a capacidade de testemunharem Jesus «sem medo»¹⁰². A descida do Espírito Santo sobre os apóstolos foi o principal arranque para a missão, sem Ele nada conseguiriam fazer. Encontravam-se amedrontados, fechados no Cenáculo, sem saber para onde ir. No momento que recebem o Espírito em forma de línguas de fogo, todo este medo se desvanece, cumprindo o mandato missionário de Cristo – “foi Me dado todo o poder no céu e na terra. Ide pois, ensinais todas as nações (...) Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo” (Mt 28, 18-20).

Em relação à ação do Espírito o Papa João Paulo II refere que Este opera em duas vertentes, não só age nos apóstolos, independentemente da capacidade humana de cada um, mas sempre baseada na força de Cristo ressuscitado, como naqueles que recebem o testemunho – “pela sua acção, a Boa Nova toma corpo nas consciências e nos corações humanos e expande-se na história. Em tudo isto, é o Espírito Santo que dá a vida”¹⁰³; “a acção universal do Espírito, portanto, não pode ser separada da obra peculiar que Ele desenvolve no Corpo de Cristo, que é a Igreja. Sempre é o Espírito que actua, quer quando dá a vida à Igreja impelindo-a a anunciar Cristo, quer quando semeia e desenvolve os seus dons em todos os homens e povos, conduzindo a Igreja à descoberta, promoção e acolhimento desses dons, através do diálogo. Qualquer presença do Espírito deve ser acolhida com estima e gratidão, mas o discerni-la

¹⁰² *Redemptoris Missio*, 24.

¹⁰³ JOÃO PAULO II – *Dominum et Vivificantem*, 1986, 64.

compete à Igreja, à qual Cristo deu o Seu Espírito para guiar até à verdade total (Jo 16, 13) ”¹⁰⁴.

Por causa deste Espírito, o anúncio do Evangelho iniciado pelos apóstolos começa a chegar a muitos lados, a fé cristã chega às nações pagãs, expandindo-se até às zonas mais importantes do Mediterrâneo oriental e depois até Roma. “É o Espírito que impele a ir sempre mais além, não só em sentido geográfico, mas também ultrapassando barreiras étnicas e religiosas, até se chegar a uma missão verdadeiramente universal”¹⁰⁵. Perante uma humanidade cada vez mais questionadora e insatisfeita verifica-se hoje uma atividade missionária renovada da Igreja, não ficando apenas pela missão *ad gentes*, mas lançando-se na nova evangelização com a mesma coragem dos apóstolos e com a mesma disponibilidade, não só escutando, como confiando no Espírito Santo, pois “Ele é o protagonista da missão!”¹⁰⁶.

Tanto na missão *ad gentes* como na nova evangelização o fundamental da missão da Igreja é o anúncio de Jesus Cristo ressuscitado (*kerigma*), tendo sido precisamente Ele, o mandatário, como dizem os “três evangelhos sinópticos e início dos Actos. A missão é dada pelo ressuscitado e o seu conteúdo há-de ser o da Ressurreição de Cristo, isto é, Boa Nova de libertação. Isso está presente na primeira missão ou anúncio das mulheres que vão ao túmulo, nos discursos de Pedro, de Paulo, etc.”¹⁰⁷.

¹⁰⁴ *Redemptoris Missio*, 29.

¹⁰⁵ *Ibidem*, 25.

¹⁰⁶ *Ibidem*, 30.

¹⁰⁷ NUNES, J. – *Teologia da missão - notas e perspectivas*. Lisboa: Obras Missionárias Pontifícias, 2008, p. 31.

6.3 Um projeto para o mundo

6.3.1 A expressão «Nova Evangelização»

“Nova Evangelização, pois, indica uma modalidade diferente do mesmo, idêntico e imutável mandato de Jesus à Sua Igreja de levar a todos o Evangelho. O conteúdo da nova evangelização portanto, não é alternativa ao Evangelho inalterável; pelo contrário, trata-se da mesma coisa porque é o anúncio da pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus, que no mistério da Sua morte e ressurreição redimiu o mundo, abrindo aos que acreditam n’Ele a porta para a vida eterna”¹⁰⁸.

É difícil encontrar uma definição para este conceito de «nova evangelização». Tal como já foi referido, foi o Papa João Paulo II que introduziu este termo, sendo um dos três campos fundamentais da evangelização da Igreja, estando a par da missão *ad gentes* e da atividade pastoral. Pode ser entendido sob vários aspetos: catequese de adultos para aqueles que não amadureceram a fé após terem frequentado a catequese na infância; evangelização de todos aqueles que tendo sido batizados se desligaram da fé, não frequentando a Igreja; recristianização do continente europeu a fim de o tornar cristão superando todos os obstáculos, tais como a secularização, o ateísmo e a indiferença religiosa; nova forma de evangelizar uma nova geração de cristãos.

Relembrando o que João Paulo II disse aos bispos da América Latina a nova evangelização é “nova no seu ardor, nos seus métodos e nas suas expressões”¹⁰⁹. Com «nova no seu ardor» o Papa pede entusiasmo e convicção no anúncio do evangelho, estabelecendo novas formas de diálogo; «nova nos seus métodos», revendo os meios pelos quais se evangeliza, a sua comunicação e as instituições de evangelização; «nova nas suas expressões», utilizando uma linguagem adaptada a cada geração. “Não se trata de fazer de novo qualquer coisa que foi mal feita ou que não funcionou, como se a nova acção fosse um implícito juízo sobre o falhanço da primeira. A nova evangelização não é uma duplicação da primeira, não é uma simples repetição, mas é a

¹⁰⁸ FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*, p. 75-76.

¹⁰⁹ JOÃO PAULO II – Discurso à Assembleia do CELAM.

coragem de ousar novos caminhos, para atender às mudanças de condições dentro do qual a Igreja é chamada a viver hoje o anúncio do Evangelho”¹¹⁰. O Evangelho é chamado a dar resposta aos problemas inéditos que vão surgindo com o decorrer dos tempos. Cada geração tem os seus problemas próprios, as suas interrogações a que o Evangelho é «obrigado» a dar resposta. “A nova evangelização (...) pretende ser um novo anúncio dessa Boa Nova no contexto sócio religioso do mundo actual, para abri-lo a um mundo novo. É um programa novo de evangelização ou uma nova forma de evangelização tendo presente as novas circunstâncias históricas”¹¹¹. Esta novidade de evangelização não pode partir de missões impostas, mas ser feita dentro de um contexto no respeito pela liberdade e pela cultura dos povos, reconhecendo neles a obra de Deus. Deve partir das necessidades, das tristezas e esperanças do povo para alcançar o amor e a justiça adotando uma posição humilde de quem vai ao encontro para dialogar, ou seja, a Igreja deve “oferecer respostas adequadas, deixando-se regenerar pela força do Espírito Santo, apresentando-se ao mundo contemporâneo com um impulso missionário capaz de promover uma nova evangelização”¹¹².

“A nova evangelização é, portanto, uma atitude, um estilo audaz. É a capacidade do cristianismo de saber ler e decifrar os novos cenários que nestas últimas décadas se têm vindo a criar na história da humanidade, para os habitar e transformar em lugares de testemunho e de anúncio do Evangelho. Estes cenários foram identificados, analisados e descritos diversas vezes; são cenários sociais, culturais, económicos, políticos, religiosos”¹¹³. É por isso necessário «olhar» bem para o contexto cultural e entender que uma das características dos últimos anos é a secularização que tem afastado o homem contemporâneo não só da relação com Deus, mas também afastado cada vez mais de si mesmo. Assim, foi-se desenvolvendo

¹¹⁰ *Lineamenta*, 5.

¹¹¹ BARBOSA, A. – *A nova evangelização*, p. 245.

¹¹² *Ubicumque et semper*.

¹¹³ *Lineamenta*, 6.

esta mentalidade de colocar Deus parcialmente ou totalmente de parte da realidade humana e desta forma o homem foi perdendo a capacidade de escutar e compreender o Evangelho e de atualizar na sua vida todas as mensagens que daí se podem retirar. Apesar desta leitura cultural é importante perceber que “a Igreja não evangeliza porque foi posta de perante o grande desafio da secularização, mas porque deve ser obediente ao mandato do Senhor de levar o Seu Evangelho a toda a criatura”¹¹⁴. O homem ao ser marcado, aparentemente, por um indiferentismo religioso, afastando-se da procura genuína da sua existência pode levá-lo a uma série de respostas, sem compreender o perigo que aí está escondido. Embora não seja referida textualmente, a Nova Era poderá ser englobada neste tipo de respostas, tal como se pode perceber através da seguinte passagem: “encontramo-nos diante do aparecimento de novas formas de gnosticismo, que encaram a técnica como uma forma de sabedoria, na busca de uma organização mágica da vida que funcione como saber e como sentido. Assistimos ao surgimento de novos cultos. Cultos que conferem formas terapêuticas às práticas religiosas que os homens estão dispostos a viver, estruturando-se como religiões da prosperidade e da gratificação instantânea”¹¹⁵.

É por este motivo que considero que é oportuno inserir este tema de Nova Evangelização a par da Nova Era na Unidade Letiva 5 do programa do Ensino Secundário pois por um lado é preciso olhar para estes fenómenos, superando o juízo fácil e até por vezes o medo do desconhecido, encarando-os como desafios, por outro lado é necessário apresentar o Evangelho como resposta às questões que inquietam os homens, mostrando que o que dá verdadeiro sentido à vida é a pessoa de Jesus Cristo, propondo assim, serenidade e alegria à vida de cada um e clarificar os alunos da ação que a Igreja Católica desenvolve neste campo da evangelização.

¹¹⁴ FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*, p. 95.

¹¹⁵ *Lineamenta*, 6.

6.3.2 Características

“A nova evangelização é o nome dado a esta nova atenção da Igreja à sua missão fundamental, à sua identidade e razão de ser. Por isso, é uma realidade que não diz respeito apenas a algumas regiões bem definidas, mas é a estrada que permite explicar e pôr em prática a herança apostólica no nosso e para o nosso tempo. Com o programa da nova evangelização a Igreja pretende introduzir no mundo de hoje e na actual discussão a sua temática mais original e específica: a proclamação do Reino de Deus, iniciado em Jesus Cristo. Não há situação eclesial que se possa sentir excluída de tal programa: as antigas Igrejas cristãs, com o problema do prático abandono da fé por parte de tantos e as novas Igrejas, empenhadas nos percursos de inculturação que requerem contínuas verificações para conseguir não apenas introduzir o Evangelho, que purifica e eleva essas culturas, mas sobretudo para as abrir à novidade do Evangelho; de um modo mais geral, tal programa diz respeito a todas as comunidades cristãs envolvidas no exercício de uma cura pastoral que parece cada vez mais difícil de gerir e corre o risco de se transformar numa *routine* pouco capaz de comunicar as razões para as quais nasceu”¹¹⁶. Tal como é referido nesta passagem de texto dos *lineamenta*, este «programa» da nova evangelização é um desafio a todos os cristãos, mostrando que é necessário recuperar a força da experiência cristã e trabalhar primordialmente nas “Igrejas de antiga tradição cristã, que preocupadas com a dramática tarefa da nova evangelização, estão mais conscientes de que não podem ser missionárias dos não cristãos de outros países e continentes, se não se preocuparem seriamente com os não cristãos da própria casa: a actividade missionária *ad intra* é sinal de autenticidade e de estímulo para realizar a outra *ad extra*, e vice-versa”¹¹⁷.

Este processo da nova evangelização não passa apenas pelo anúncio verbal do Evangelho, como também pelo testemunho pessoal e comunitário. Em primeiro lugar está o pessoal, ou seja, cada cristão deve ser coerente na sua vida com aquilo em que

¹¹⁶ *Ibidem*, 10.

¹¹⁷ *Redemptoris Missio*, 34.

acredita – “Crês verdadeiramente o que anuncias? Vives o que crês? Pregas o que vives?”¹¹⁸; em segundo lugar está o testemunho comunitário, pois as comunidades cristãs devem ser agentes de evangelização, mostrando a todos os homens um modelo de convívio, recuperando a vivência dos primeiros cristãos e lembrando o que diziam deles: «vede como eles se amam». Outra característica da nova evangelização é a tomada de consciência de que a fé necessita de ser confessada, formulada e celebrada recorrendo a mediações culturais, ou seja, deve se tratar de uma evangelização insculturada. Ora, a inculturação da fé e da práxis cristã exige uma abertura do cristianismo a um diálogo profundo com as diferentes culturas e este diálogo supõe a aceitação da pluralidade das culturas, da singularidade e da identidade de cada uma delas, só assim a Igreja Católica se torna universal – “A Igreja só será efectivamente católica, verdadeiramente universal, pluriformando-se de acordo com as culturas”¹¹⁹.

¹¹⁸ *Evangelii Nuntiandi*, 76.

¹¹⁹ VELASCO, J. – *Increencia y evangelización, del dialogo al testimonio*. Santander: Editorial Sal Terrae, 1988, p. 199.

6.3.3 Congresso Internacional para a Nova Evangelização (ICNE)

Ao longo do pontificado o Papa João Paulo II fez várias reflexões e vários apelos para que a nova evangelização fosse algo em que a Igreja deveria investir, devendo-se tornar uma das suas prioridades de atuação nos últimos anos. Pode-se encontrar um desses apelos na Carta Apostólica de preparação do Jubileu do ano 2000 em que o Papa afirma que os Sínodos que iriam decorrer já eram exemplos de nova evangelização e também convoca todo o Povo de Deus, desde os bispos até aos leigos, para esta missão. “No caminho de preparação para a ocorrência do 2000, entra a série de Sínodos, iniciada depois do Concílio Vaticano II: Sínodos gerais e Sínodos continentais, regionais, nacionais e diocesanos. O tema de fundo é o da evangelização, ou melhor, da nova evangelização, cujas bases foram colocadas pela Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI, publicada em 1975, depois da terceira Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos. Os Sínodos constituem, já de per si, parte da nova evangelização: nascem da visão do Concílio Vaticano II sobre a Igreja; abrem um amplo espaço à participação dos leigos, de quem definem a específica responsabilidade na Igreja; são expressão da força que Cristo deu a todo o Povo de Deus, fazendo-o participante da sua própria missão messiânica — missão profética, sacerdotal e real. Muito eloquentes são a este respeito, as afirmações do segundo capítulo da Constituição dogmática *Lumen gentium*. A preparação para o Jubileu do ano 2000 concretiza-se assim, a nível universal e local, em toda a Igreja, animada por uma consciência nova da missão salvadora recebida de Cristo. Esta consciência manifesta-se com significativa evidência nas Exortações pós-sinodais dedicadas à missão dos leigos, à formação dos sacerdotes, à catequese, à família, ao valor da penitência e da reconciliação na vida da Igreja e da humanidade e, proximamente, à vida consagrada”¹²⁰.

A Igreja é composta por diversos ministérios, que são exercidos e vividos de modo diferente segundo a vocação própria de cada um, e todos eles são chamados à evangelização, mas cabe aos bispos serem os primeiros evangelizadores, pois

¹²⁰ *Tertio Millennio Adveniente*, 21.

enquanto sucessores dos Apóstolos é-lhes concedido “o mandato de serem no mundo ícones viventes de um anúncio corajoso e forte”¹²¹. Precisamente no ano do Grande Jubileu de 2000, quatro cardeais europeus (Cardeal Godfried Danneels, Arcebispo de Malines-Bruxelas; Cardeal Christoph Schonborn, Arcebispo de Viena; Cardeal Jean-Marie Lustiger, Arcebispo de Paris e Cardeal José da Cruz Policarpo, Patriarca de Lisboa, mais tarde se juntaria o Cardeal Peter Erdo, Arcebispo de Esztergom-Budapeste) foram ao encontro dos desejos do Papa e escreveram uma carta em que reconheceram que apesar de cada uma destas metrópoles ter a sua história e o seu rosto, identificavam-se semelhanças face à sua situação espiritual, nomeadamente que a vida urbana acelerada levava a uma paganização; a necessidade de procura religiosa dentro da Igreja; a nível da evangelização houve uma mudança; as missões na cidade mostravam a procura de Deus; a Europa apelava ao anúncio do Evangelho e seria urgente propor às cidades a partilha de experiências. Assim, os quatro Cardeais decidiram realizar congressos internacionais de evangelização, um por ano numa cidade diferente, tendo um duplo objetivo: fornecer aos agentes eclesiais da missão encontros para refletirem, trocarem informações e experiências e promover a nova evangelização nas metrópoles e renovar as paróquias urbanas através da missão¹²².

A realização destes congressos pode ser considerada como um exemplo prático desta dinâmica da Nova Evangelização. O primeiro destes ocorreu na cidade de Viena em 2003, seguindo-se em 2004 em Paris, em 2005 em Lisboa, em 2006 em Bruxelas e por último em 2007 em Budapeste. Todos estes congressos obedeciam a uma estrutura base caracterizada por momentos de cariz religioso, como Eucaristias, conferências, testemunhos, vigílias de oração, missões de rua, procissões; e outros de cariz cultural, tais como festivais de música *pop/rock*, concertos música clássica, *ateliers* e representações teatrais.

Em 2005 participei no congresso realizado em Lisboa tendo sido responsável por uma missão de rua que ocorreu no Centro Comercial Colombo e nos anos

¹²¹ FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*, p. 116.

¹²² Cf. IGREJA CATÓLICA – *Carta fundadora no lançamento do Congresso Internacional para a Nova Evangelização*, 2000.

seguintes (2006 e 2007) fui congressista nas cidades de Bruxelas e Budapeste. Penso que a minha participação poderá ser uma mais-valia para quando lecionar o tema da Nova Evangelização, pois poderei partilhar a minha experiência, mostrando uma apresentação de PowerPoint¹²³ em que faço um resumo do que vivi.

¹²³ Anexo 5, p. 98.

3ª PARTE

7. Reformulação da Unidade Letiva 5 – Os Novos Movimentos Religiosos

O Programa de Educação Moral e Religiosa Católica do Ensino Secundário é composto por doze unidades letivas, sendo a quinta dedicada aos novos movimentos religiosos. Tal como foi referido na primeira parte do relatório identifiquei que a Nova Era não deveria estar inserida nos conteúdos como um dos movimentos religiosos, mas sim num conteúdo a parte. Considerei que se deveria acrescentar como novo conteúdo a reflexão que a Igreja Católica tem desenvolvido acerca da Nova Evangelização

Nesta terceira e última parte é apresentada a minha proposta de reformulação da Unidade Letiva 5 – Os Novos Movimentos Religiosos, expondo a planificação da mesma, os seus conteúdos e competências, planificação das aulas, nomeadamente as estratégias a desenvolver.

7.1 Planificações

A primeira planificação que é apresentada refere-se à programação geral da Unidade Letiva expondo as competências, os conteúdos e os elementos de avaliação escolhidos por mim; na segunda são associados os conteúdos a nove tempos letivos e as últimas planificações referem-se aos objetivos, conteúdos, estratégias e respetivo tempo utilizado, recursos e avaliação formativa.

PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 5 – EMRC

Competências: 3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.

6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura fundada em valores humanistas e cristãos.

9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.

20. Promover, na sua prática de vida, o diálogo inter-religioso como suporte essencial para a construção da Paz entre os povos, mobilizando conhecimentos sobre a identidade de cada confissão religiosa não cristã.

Nota: alguns anexos das planificações podem ser consultados no Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada.

UNIDADE	AULAS	CONTEÚDOS	AVALIAÇÃO
<p>Unidade 5 – Os Novos Movimentos Religiosos</p>	<p>9</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Seitas ou novos movimentos religiosos? Clarificação dos termos e aproximação às realidades que pretendem expressar. • Razões da proliferação de novos movimentos religiosos. • Razões da adesão pessoal a novas formas de espiritualidade. • O nosso Mundo será secularizado? • Caracterização dos novos movimentos. • A Nova Era – <i>New Age</i> • A Nova Evangelização <ul style="list-style-type: none"> - Congresso Internacional para a Nova Evangelização. • É possível o diálogo ecuménico ou inter-religioso com os novos movimentos religiosos? A verdade do ponto de vista cristão: <ul style="list-style-type: none"> - Deus é verdade (Ex 34,4-5; 2Sm 7,28) - Jesus é verdade (Jo 1,9.14.17; 8,31-32; 14,6; 18, 37-38) 	<p>O professor observa e orienta o trabalho dos alunos; verifica o interesse e atenção e verifica se os alunos acolhem e realizam bem as propostas de trabalho.</p> <p style="text-align: center;">Portefólio</p> <p style="text-align: center;">Ficha de Avaliação</p>

GRELHA DE GESTÃO – UNIDADE LETIVA 5 – EMRC

UNIDADE LETIVA 5	1	2	3	4
	Seitas ou novos movimentos religiosos? Clarificação dos termos e aproximação às realidades que pretendem expressar.	Razões da proliferação de novos movimentos religiosos. Razões da adesão pessoal a novas formas de espiritualidade	O nosso Mundo será secularizado?	Caracterização dos principais novos movimentos religiosos
	5	6	7	8
A Nova Era – <i>New Age</i>	A Nova Evangelização	Congresso Internacional para a Nova Evangelização	Diálogo ecuménico ou inter-religioso com os novos movimentos religiosos?	
9				
Ficha de Avaliação Correção da ficha de avaliação.				

PLANIFICAÇÃO DE AULA | Unidade Letiva: Unidade 5 – Os Novos Movimentos Religiosos

Competências: 3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.

Sumário: Introdução à Unidade Letiva 5: Os Novos Movimentos Religiosos. Conceitos de «seita» e de religião e suas origens.

Lição nº 1

Objetivos (leitura da operacionalização das competências)	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
Questionar-se sobre a distinção entre o conceito de «seita» e religião e sua origem, equacionando respostas adequadas. (Comp. 3)	Seitas ou novos movimentos religiosos? Clarificação dos termos e aproximação às realidades que pretendem expressar.	Acolhimento Sumário Apresentação, preparada pelo professor, de um PowerPoint sobre as Unidades Letivas a tratar no 1º Período (cerca de 6 diapositivos, com os conteúdos de cada Unidade – Anexo 1). Brainstorming	3' 2' 15' 18'	Caderno Diário PowerPoint Computador Projetor Quadro e Giz	O professor verifica se todos os alunos registam o sumário no caderno diário. O professor observa o interesse e atenção dos alunos.

		Elaborar com os alunos uma definição de «seita» e de religião.	17'	Caderno Diário	O professor verifica se os alunos acolhem e realizam bem a proposta de trabalho.
		Leitura e análise de um texto sobre as «seitas» (Anexo 2) e um texto sobre as origens da religião (Anexo 3).	30'	Fotocópias dos textos	
		Síntese	5'		
<p>Síntese: <i>A palavra «seita» designa um grupo religioso minoritário, que não segue nenhuma das grandes religiões da Humanidade.</i></p> <p><i>Qualquer religião tem três elementos essenciais: o Sagrado, as mediações e o crente.</i></p>					

PLANIFICAÇÃO DE AULA | Unidade Letiva: Unidade 5 – Os Novos Movimentos Religiosos

Competências: 3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo. 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.

Sumário: Continuação da aula anterior. Secularização, Descristianização e Novos Movimentos Religiosos.

Lição nº 2

Objetivos (leitura da operacionalização das competências)	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
<p>Questionar-se sobre o sentido da existência de novos movimentos religiosos. (Comp. 3)</p> <p>Interpretar episódios históricos e factos sociais, bem como razões de natureza individual, que explicam a existência de novos movimentos religiosos. (Comp. 9)</p>	<p>Seitas ou novos movimentos religiosos? Clarificação dos termos e aproximação às realidades que pretendem expressar.</p> <p>Razões da proliferação de novos movimentos religiosos.</p> <p>Razões da adesão pessoal a novas formas de espiritualidade.</p>	<p>Acolhimento</p> <p>Sumário</p> <p>Resumo e conclusão dos conteúdos da aula anterior (leitura e análise de um texto sobre as origens da religião – Anexo 3).</p> <p>Apresentação, preparada pelo professor, de um PowerPoint sobre Secularização, Descristianização e Novos Movimentos Religiosos (11 diapositivos, com a explicação destes conceitos – Anexo 4).</p>	<p>3'</p> <p>2'</p> <p>25'</p> <p>25'</p>	<p>Caderno Diário</p> <p>Fotocópias do texto</p> <p>PowerPoint Computador Projetor</p>	<p>O professor verifica se todos os alunos registam o sumário no caderno diário.</p> <p>O professor observa a atenção, o interesse, a espontaneidade da participação, compreensão do tema e capacidade de síntese.</p> <p>O professor verifica a atitude, o empenho e a atenção dos alunos.</p>

		<p>Cada aluno é convidado a escolher de um conjunto de imagens, duas que relacione com este fenómeno da Secularização. De seguida justifica oralmente a sua escolha.</p>	25'	Conjunto de imagens	O professor observa se os alunos acolhem e realizam bem a proposta de trabalho.
		<p>Proposta de trabalho para casa: cada aluno tem de trazer na próxima aula um exemplo da presença do religioso na sociedade.</p>	5'		
		Síntese	5'		

Síntese: Desde muito cedo, os homens identificavam-se com o religioso. Manifestando-se de diversas formas, por exemplo a realização de rituais aos deuses.

Secularização é o processo em que a religião deixa de ser o elemento agregador e identificador da pertença social; do ponto de vista político-religioso dá-se a separação das instituições religiosas e do Estado e levando ao extremo relega-se o religioso para o domínio do privado e do individual.

PLANIFICAÇÃO DE AULA | Unidade Letiva: Unidade 5 – Os Novos Movimentos Religiosos

Competências: 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.

Sumário: Manifestações do religioso no nosso Mundo.

Lição nº 3

Objetivos (leitura da operacionalização das competências)	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
Interpretar episódios históricos e factos sociais, bem como razões de natureza individual, que explicam a existência do religioso e do sagrado na sociedade, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã. (Comp. 9)	Sentimentos de pertença ao religioso. Vivência do ser humano em áreas como o desporto, a música, a literatura.	Acolhimento	3'	Caderno Diário	O professor verifica se todos os alunos registam o sumário no caderno diário.
		Sumário	2'		O professor observa a atenção, o interesse, a espontaneidade da participação, compreensão do tema e capacidade de síntese.
		Sistematização por parte dos alunos e do professor dos conteúdos da aula anterior.	5'	Imagens e textos trazidos pelos alunos	
		Apresentação dos trabalhos realizados em casa pelos alunos sobre o religioso na nossa sociedade. (Portefólio)	10'		

		<p>Apresentação, preparada pelo professor, de um PowerPoint sobre manifestações do religioso no nosso Mundo (7 diapositivos, com imagens referentes a várias áreas, por ex: desporto, literatura, utilização de objetos religiosos e nomes de ruas – Anexo 5).</p>	5'	PowerPoint Computador Projetor	O professor verifica a atitude, o empenho e a atenção dos alunos.
	Sagrado vs profano. Clarificação das diferenças destes conceitos utilizando exemplos concretos do nosso Mundo. O Homem sem ter consciência utiliza elementos que a partida pertencem ao domínio do sagrado, mas pela sua utilização são na realidade uma profanação destes mesmos elementos.	<p>Visualização de um vídeo sobre a vivência do religioso por parte de jogadores de futebol (minuto de silêncio pela morte de um jogador) – Anexo 6.</p>	1'	PowerPoint Computador Projetor	
		<p>Audição da música “I still haven’t found what i’m looking for” da banda U2. Comentar a inquietação religiosa da letra/banda. através de um trabalho de pares (Anexo 7).</p>	5’ + 10’	Computador Fotocópias com a letra da música	O professor observa se os alunos acolhem e realizam bem a proposta de trabalho.
		<p>Apresentação do trabalho de pares. (Portefólio)</p>	10’		

	<p>Tomada de decisões fundamentadas acerca da influência do religioso no dia-a-dia.</p>	<p>Os alunos são convidados a elaborar um texto (discurso) defendendo a posição de que há uma presença bastante forte do religioso nos nossos dias. Este texto seria apresentado num congresso sobre Religião.</p> <p>Deslocação à Sala de Recursos para passar o texto a computador e entrega do trabalho ao professor para ser avaliado e colocado no portefólio.</p> <p>Síntese</p>	<p>15'</p> <p>19'</p> <p>5'</p>		
--	---	--	---------------------------------	--	--

Síntese: Encontramos na nossa sociedade algumas formas de sacralidade que se manifestam através da Música, do Desporto, da Literatura, etc...

O Mundo actual é tudo menos secularizado. O religioso e o sagrado estão presentes em diferentes situações da vida profana da modernidade.

PLANIFICAÇÃO DE AULA | Unidade Letiva: Unidade 5 – Os Novos Movimentos Religiosos

Competências: 3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo. 6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura fundada em valores humanistas e cristãos.

Sumário: Início da caracterização dos principais Novos Movimentos Religiosos.

Lição nº 4

Objetivos (leitura da operacionalização das competências)	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
Questionar-se sobre o sentido das crenças e das práticas dos novos movimentos religiosos, equacionando respostas fundamentadas, com base em princípios éticos humanistas e cristãos. (Comp. 3)	Elementos essenciais de cada NMR, tendo em conta: - Origem e desenvolvimento histórico - Doutrinas - Literatura de referência - Práticas	Acolhimento			
		Sumário	2'	Caderno Diário	O professor verifica se todos os alunos registam o sumário no caderno diário.
		Sistematização por parte dos alunos e do professor dos conteúdos da aula anterior	5'		
		Apresentação de dois slides sobre os traços comuns dos Novos Movimentos Religiosos, com o objetivo de “lançar” o trabalho de investigação (Anexo 8).	5'	Computador PowerPoint Projetor	O professor observa a atenção e o interesse dos alunos.

Interpretar episódios históricos e factos sociais que expliquem a origem e desenvolvimento de cada movimento religioso estudado. (Comp. 6)		Explicação da metodologia do trabalho a desenvolver em grupo (Anexo 9).	8'	Ficha elaborada pelo professor	O professor observa se os alunos acolhem e realizam bem a proposta de trabalho.
		Trabalho de grupo: cada grupo investiga e prepara uma breve apresentação sobre o NMR respetivo, de acordo com a proposta de trabalho e entrega ao professor.	65'	Biblioteca Centro de Recursos	
		Síntese	5'		
<p><i>Síntese: Principais características sobre os Novos Movimentos Religiosos, nomeadamente as origens e desenvolvimento histórico, doutrinas, literatura de referência e práticas.</i></p>					

PLANIFICAÇÃO DE AULA | Unidade Letiva: Unidade 5 – Os Novos Movimentos Religiosos

Competências: 3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo. 6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura fundada em valores humanistas e cristãos.

Sumário: A Nova Era – New Age.

Lição nº 5

Objetivos (leitura da operacionalização das competências)	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
Questionar-se sobre o sentido das crenças e das práticas dos novos movimentos religiosos, equacionando respostas fundamentadas, com base em princípios éticos humanistas e cristãos. (Comp. 3)	A Nova Era – New Age: - características - espiritualidade	Acolhimento Sumário O Professor apresenta um texto elaborado por si, em que caracteriza a Nova Era (Anexo 3 – relatório final). O Professor escreve no quadro algumas frases que caracterizam a Nova Era e abre discussão sobre as mesmas (Anexo 4 – relatório final).	3' 2' 10' 30'	Caderno Diário Fotocópias Quadro	O professor verifica se todos os alunos registam o sumário no caderno diário. O professor observa a atenção, o interesse, a espontaneidade da participação e compreensão do tema.

Interpretar episódios históricos e factos sociais que expliquem a origem e desenvolvimento de cada movimento religioso estudado. (Comp. 6)		Visualização de um documentário sobre a Nova Era – Malsed, R. (1993) – La Nueva Era, Global Televisión Syndication, San Pablo Video, Madrid. Síntese	40' 5'	Computador Projetor	O professor observa a atenção e o interesse dos alunos.
--	--	---	---------------	------------------------	---

PLANIFICAÇÃO DE AULA | Unidade Letiva: Unidade 5 – Os Novos Movimentos Religiosos

Competências: 3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo. 6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura fundada em valores humanistas e cristãos.

Sumário: A Nova Evangelização

Lição nº 6

Objetivos (leitura da operacionalização das competências)	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa	
Questionar-se sobre o sentido da vida, equacionando respostas fundamentadas, com base em princípios éticos humanistas e cristãos. (Comp. 3)	A Nova Evangelização: - fundamentos históricos - fundamentos bíblico-teológicos	Apresentação orientada pelo professor da pessoa convidada – Professor da Universidade Católica: Dr. Juan Francisco Ambrosio para falar aos alunos sobre a Nova Evangelização.	5'		O professor observa a atenção e interesse dos alunos.	
Interpretar episódios históricos e factos sociais que expliquem a origem e desenvolvimento de cada movimento religioso estudado. (Comp. 6)		Palestra	30'			O professor verifica a atitude, o empenho e a atenção dos alunos.
		Perguntas colocadas pelos alunos.	10'			

		<p>Preparação de uma missão de rua à porta da escola, em que os alunos acompanhados pelo professores irão ao encontro de quem passa, falando sobre a Nova Evangelização. A decorrer num intervalo do almoço desta mesma semana.</p> <p>- Realização de cartazes anunciativos e de marcadores para dar às pessoas.</p>	45'	Cartolinas Canetas Tesouras Réguas	O professor observa se os alunos acolhem e realizam bem a proposta de trabalho.
--	--	---	-----	---	---

PLANIFICAÇÃO DE AULA | Unidade Letiva: Unidade 5 – Os Novos Movimentos Religiosos

Competências: 3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo. 6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura fundada em valores humanistas e cristãos.

Sumário: Continuação da aula anterior. Congresso Internacional para a Nova Evangelização.

Lição nº 7

Objetivos (leitura da operacionalização das competências)	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
<p>Questionar-se sobre o sentido da vida, equacionando respostas fundamentadas, com base em princípios éticos humanistas e cristãos. (Comp. 3)</p> <p>Interpretar episódios históricos e factos sociais que expliquem a origem e desenvolvimento de cada movimento religioso estudado. (Comp. 6)</p>	<p>A Nova Evangelização:</p> <ul style="list-style-type: none"> - fundamentos históricos - fundamentos bíblico-teológicos 	<p>Acolhimento</p> <p>Sumário da aula anterior</p> <p>Sumário</p> <p>Avaliação da palestra da aula anterior. Cada aluno é convidado a escrever um breve apontamento. (Portefólio)</p>	<p>1'</p> <p>2'</p> <p>2'</p> <p>10'</p>	<p>Caderno Diário</p>	<p>O professor verifica se todos os alunos registam o sumário no caderno diário.</p> <p>O professor observa a atenção e interesse dos alunos.</p>

	- Exemplo: Congresso Internacional para a Nova Evangelização	<p>Sistematização por parte dos alunos e do professor dos conteúdos da aula anterior.</p> <p>Apresentação, preparada pelo professor, de um PowerPoint sobre a sua participação no Congresso Internacional para a Nova evangelização realizado em 2007 na cidade de Budapeste (Anexo 5 – relatório final).</p> <p>Perguntas colocadas pelos alunos sobre a apresentação de Powerpoint.</p>	<p>10'</p> <p>45'</p> <p>20'</p>	<p>Computador</p> <p>Powerpoint</p> <p>Projektor</p>	<p>O professor verifica a atitude, o empenho e a atenção dos alunos.</p> <p>O professor está atento ao interesse e à participação dos alunos.</p>
--	--	---	----------------------------------	--	---

PLANIFICAÇÃO DE AULA | Unidade Letiva: Unidade 5 – Os Novos Movimentos Religiosos

Competência: 20. Promover, na sua prática de vida, o diálogo inter-religioso como suporte essencial para a construção da Paz entre os povos, mobilizando conhecimentos sobre a identidade de cada confissão religiosa não cristã.

Sumário: Diálogo ecuménico e inter-religioso com os Novos Movimentos Religiosos.

Lição nº 8

Objetivos (leitura da operacionalização das competências)	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
Promover o diálogo ecuménico e inter-religioso, para a promoção da paz e da justiça no mundo, através da cooperação, individual e/ou institucional, com os NMR, sem dissolver a própria identidade e dentro dos limites do respeito pela alteridade (Comp. 20)	É possível o diálogo ecuménico e inter-religioso com os NMR?	Acolhimento Sumário Brainstorming Leitura do texto: “O ecumenismo é, em primeiro lugar, uma questão de oração e de caridade” (Anexo 10).	3’ 2’ 15’ 5’	Caderno Diário Quadro Giz Fotocópias do texto	O professor verifica se todos os alunos registam o sumário no caderno diário. O professor observa a atenção e interesse dos alunos.

		Os alunos trabalham o texto a pares, identificando aspetos mais importantes e questões para discutir em grande grupo.	30'	Caderno Diário	Portefólio
		Tendo como base o trabalho realizado pelos pares, dá-se início à partilha e à confrontação de ideias.	30'		
		Síntese	5'		
Síntese: <i>Na oração encontramos sobretudo Deus, mas de uma maneira especial também os outros.</i>					

PLANIFICAÇÃO DE AULA | Unidade Letiva: Unidade 5 – Os Novos Movimentos Religiosos

Competências: 3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo. 6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura fundada em valores humanistas e cristãos. 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã. 20. Promover, na sua prática de vida, o diálogo inter-religioso como suporte essencial para a construção da Paz entre os povos, mobilizando conhecimentos sobre a identidade de cada confissão religiosa não cristã.

Sumário: Ficha de Avaliação. Correção da Ficha.

Lição nº 9

Objetivos (leitura da operacionalização das competências)	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
	<p>Seitas ou novos movimentos religiosos? Clarificação dos termos e aproximação às realidades que pretendem expressar.</p> <p>Razões da proliferação de novos movimentos religiosos.</p> <p>Razões da adesão pessoal a novas formas de espiritualidade.</p> <p>Elementos essenciais de cada NMR, tendo em conta:</p> <p>- Origem e</p>	<p>Ficha de Avaliação (Anexo 6 – relatório final)</p>	<p>45'</p>	<p>Folha de Teste</p>	<p>Ficha de Avaliação</p>

	<p>desenvolvimento histórico</p> <ul style="list-style-type: none"> - Doutrinas - Literatura de referência - Práticas <p>A Nova Era – New Age:</p> <ul style="list-style-type: none"> - características - espiritualidade <p>A Nova Evangelização:</p> <ul style="list-style-type: none"> - fundamentos históricos - fundamentos bíblico-teológicos 	<p>Correção da Ficha de Avaliação. Ida ao centro de recursos, onde a pares os alunos diante da correção fazem uma autoavaliação às suas respostas.</p>	<p>45'</p>	<p>Centro de recursos</p>	<p>O professor verifica o empenho dos alunos.</p>
--	--	--	------------	---------------------------	---

Considero que a reformulação desta Unidade Letiva será uma mais-valia para a lecionação da mesma não só a nível da exposição por parte do professor, como da compreensão dos alunos face a estes temas tão complexos; ao apresentá-la, tento clarificar a teoria através de atividades práticas.

CONCLUSÃO

Ao longo deste relatório fiz uma análise do fenómeno religioso apresentando alguns conceitos que considerei relevantes para o desenvolvimento do mesmo, destacando: secularização e nova religiosidade, novos movimentos religiosos, Nova Era e Nova Evangelização.

Constato que o ser humano desde as origens até aos dias de hoje, embora se tenha afastado das religiões tradicionais, continua na procura de algo que dê sentido à sua vida encontrando respostas numa nova religiosidade que por vezes evoca o individualismo, num centrar-se em si mesmo e encontrando no seu eu a realização pessoal sem interferência de algo que seja superior. Na minha opinião esta forma de estar na vida afasta o ser humano de uma das características que lhe é fundamental que é a necessidade de viver em comunidade, principalmente num tempo em que os meios tecnológicos embora de grande utilidade no sentido do conhecimento, podem gerar este fechar-se no seu mundo. E ao fechar-se no seu mundo o homem vai-se esquecendo de Deus, “utilizando-o” não só quando lhe convém, como banindo-o totalmente da sua vida. Paralelamente, o aumento dos problemas sociais e económicos e dos problemas do foro psicológico levaram à proliferação de novos movimentos religiosos considerados por vezes mais apelativos, proporcionando um certo deslumbramento fazendo esquecer temporariamente as dificuldades que marcam o ser humano.

Apresentei um breve estudo sobre a Nova Era (*New Age*), destacando as suas origens, personalidades marcantes, princípios fundamentais (espiritualidade e resposta ao mundo atual) e a sua posição face à fé cristã. Apurei que a Nova Era não se trata de um novo movimento religioso, mas sim de uma “rede” global com referências comuns que liga vários grupos num vínculo pouco estável, sem carácter permanente e hierárquico, recebendo influências de rituais pré-cristãos e das religiões orientais com a intenção de dar respostas às inquietudes do mundo moderno; aqueles que seguem a espiritualidade da Nova Era acreditam que um novo messias virá que os levará à mudança de era, ou seja da Era dos Peixes (era de guerras e conflitos) para a Era do Aquário (era de paz e harmonia), onde o homem atingirá a sua realização plena com a vinda de um novo cristo cósmico. Como cristão considero que a espiritualidade que caracteriza a Nova Era desvia-se do fundamental, contrapondo-se àquilo em que acredito: Jesus Cristo é filho de Deus, centro da vida e único salvador da humanidade e Deus é pessoal e transcendente.

Perante estas inquietudes do mundo moderno concluí que a Nova Evangelização deverá ser incluída, como conceito, na Unidade Letiva 5 do programa do Ensino Secundário pois, esta apela a uma nova modalidade de anúncio do Evangelho que é a resposta apresentada pela Igreja Católica. Neste sentido expus os fundamentos históricos, como o Concílio Vaticano II e os Papas Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI; Jesus Cristo e o Espírito Santo como os fundamentos bíblico-teológicos e considerando a Nova Evangelização como um projeto para o mundo apresentei as suas características e um exemplo prático (Congresso Internacional para a Nova Evangelização) deste novo dinamismo da Igreja. Considero que esta abertura da Igreja, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, é de extrema importância pois envolve de uma maneira muito ativa e voltada para a ajuda dos problemas que afetam o ser humano, todos os cristãos, desde os leigos até ao clero. O ano da fé proclamado pelo Papa Bento XVI que tem início no mesmo dia (11 de outubro) em que se comemora os cinquenta anos da abertura do Concílio vem reafirmar que “a renovação da Igreja realiza-se também através do testemunho prestado pela vida dos crentes: de facto, os cristãos são chamados a fazer brilhar, com a sua própria vida no mundo, a Palavra de verdade que o Senhor Jesus nos deixou”¹²⁴. Encaro como muito importante e não poderia deixar de fazer referência nesta conclusão, a convocação do Sínodo dos Bispos com a finalidade de se refletir sobre a nova evangelização e a transmissão da fé, prova de que a Nova Evangelização é uma das grandes prioridades da Igreja Católica.

Esta minha reflexão poderá ser importante para que outros se possam debruçar sobre este tema, contribuindo para a sua valorização e tornando a Nova Evangelização um assunto presente e vivo em todo o mundo. A minha proposta de reformulação da Unidade letiva 5 – Os Novos Movimentos Religiosos poderá clarificar não só a complexidade dos conteúdos para professores e alunos, como ajudar a perceber que o conteúdo da Nova Era não deverá estar incluído no grupo dos novos movimentos religiosos, mas sim como um conteúdo à parte dentro desta mesma unidade. Sugiro que seja acrescentado o conteúdo da Nova Evangelização, pois considero que é fundamental apresentar este novo dinamismo da Igreja, não como uma resposta à Nova Era, mas sim como uma proposta de salvação renovada e adaptada na forma e não no conteúdo. Desta forma, os alunos poderão ver o entusiasmo de uma Igreja viva, disponível e atrativa que os chama e acolhe, tornando-se inigualável.

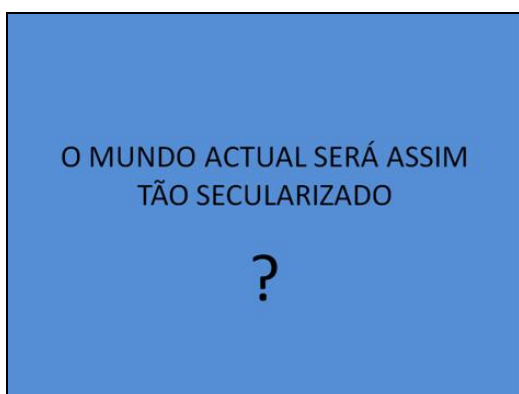
¹²⁴ BENTO XVI – *Porta fidei*, 2012, 6.

ANEXOS

Anexo 1 – O MUNDO ATUAL SERÁ ASSIM TÃO SECULARIZADO?

Apresentação, preparada pelo professor, de um PowerPoint sobre manifestações do religioso no nosso Mundo (7 diapositivos, com imagens referentes a várias áreas, por ex: desporto, literatura, utilização de objetos religiosos e nomes de ruas).

Alguns diapositivos:



Anexo 2 – Origens da Religião

“É absolutamente impossível dar uma resposta definitiva às perguntas sobre onde, como e quando surgiu a religião. No entanto, há alguns dados que permitem encontrar rastros das longínquas origens do facto religioso.

Na colina do Osso do Dragão, perto de Pequim, encontram-se vestígios de há 500.000 anos que indicam que os hominídeos de então já tinham uma ideia do prolongamento da vida depois da morte. Na Europa, há 200.000 anos, praticava-se o enterro ritual. Pelo ano 70.000, tentava-se vivificar o corpo dos defuntos aplicando-lhe ocre vermelho. Entre os anos 20.000 e 10.000, aparecem o culto à fecundidade e os ritos relacionados com a caça.

Todos estes indícios mostram uma incipiente atitude religiosa no homem primitivo. É uma tentativa de superar as situações que mais o impressionam e com as quais têm de se enfrentar: o nascimento e a continuidade da espécie, a subsistência – à base da caça – e a morte. Para isso, o Homem primitivo recorre a técnicas rituais: fabrica os amuletos da fecundidade, efectua danças rituais executadas em grutas enfeitadas com pinturas de animais para atrair a caça, pinta os corpos dos defuntos, etc. Não é fácil saber, com exactidão, que imagem teria o Homem primitivo do ser supremo. Parece que o relacionava com a fecundidade das pessoas, animais e plantas; também com a actividade da caça e com o culto dos mortos. Era concebido como um ser de algum modo responsável pelo mundo. Também aparece a ideia da deusa mãe geradora da vida”.

Manual de 10º Ano EMRC

Anexo 3 – O que é a Nova Era?

Os sociólogos e os historiadores da religião que se dedicaram ao estudo deste tema chegaram à conclusão de que a Nova Era não é um movimento religioso, nem uma seita, mas consideraram-na como uma rede global com referências comuns que liga vários grupos num vínculo pouco estável, sem caráter permanente e hierárquico necessários para se poder dizer que se trata de um movimento. Este é um dos motivos porque considero que a Nova Era não deve ser tratada como um movimento religioso tal como apresenta o programa da Unidade 5 da disciplina de EMRC do Ensino Secundário, mas que deve ser lecionada mostrando bem a distinção entre ela e os novos movimentos religiosos. Esta rede consiste em pensar globalmente, mas agir localmente e dela fazem parte pessoas que necessariamente não se conhecem umas às outras e que raramente ou nunca se encontram. Um espírito «alternativo» à tradição religiosa cristã e a esperança de uma nova era, ou seja, a mudança da Era de Peixes para a Era de Aquário é aquilo que une esta rede.

Alguns autores, como Wouter J. Hanegraaff referem-se à Nova Era como a um «milieu»; outros como Rodney Stark e William Sims Bainbridge como a um «culto de ouvintes»; outros ainda como M. Lacroix como «uma corrente de pensamento muito coerente».

Partindo de estudos sociológicos constata-se que a Nova Era não tem uma doutrina e propõe que cada um faça o seu percurso doutrinal, incorporando muitos elementos diferentes, que permitem ao indivíduo ter interesses e graus de empenhamento diversos. É caracterizada pela ausência de textos sagrados e de líder e tem a convicção de que o tempo das religiões particulares acabou, razões pelas quais o seu fascínio tende a aumentar nos dias de hoje.

Texto elaborado pelo professor

Anexo 4 – Questões para serem escritas no quadro

1. A Nova Era propõe teorias e doutrinas sobre Deus, sobre o Homem e sobre o mundo, que são incompatíveis com a fé cristã.
2. A Nova Era surge como um mar sem fundo, em que todos navegam à deriva.
3. Do ponto de vista astrológico, esta nova era traduz-se na passagem da Era de Peixes para a de Aquário.
4. A Nova Era defende a salvação do ser humano por obra do próprio ser humano, sem recurso a qualquer entidade transcendente.

Anexo 5 – Congresso Internacional para a Nova Evangelização (ICNE)

Apresentação, preparada pelo professor, de um PowerPoint sobre o Congresso Internacional para a Nova Evangelização realizado em 2007 na cidade de Budapeste.

Alguns diapositivos:

CONGRESSO INTERNACIONAL PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO



BUDAPESTE – 16 a 22 de Setembro de 2007



Congresso Internacional para a Nova Evangelização
Viena 2003 - Paris 2004 - Lisboa 2005 - Bruxelas 2006 - BUDAPESTE 2007

TEMAS DO CONGRESSO

Dia da Fé 17-09-2007	Dia da Caridade 18-09-2007
Dia do Martírio 19-09-2007	
Dia da Alegria 20-09-2007	Dia da Esperança 21-09-2007



Congresso Internacional para a Nova Evangelização
Viena 2003 - Paris 2004 - Lisboa 2005 - Bruxelas 2006 - BUDAPESTE 2007

MISSÕES DE RUA



No início da semana a árvore estava vazia.....

No fim da semana, a árvore estava cheia de mensagens que a transformaram na **ÁRVORE DA VIDA!!!**



Anexo 6 – Ficha de Avaliação

Lê com atenção as questões e procura responder com rigor sem esquecer de justificares, devidamente, as tuas respostas. Deves utilizar a folha de teste para responder ao exercício sem esqueceres de assinalar o número da questão.

Grupo I

1. Das seguintes afirmações, assinala com um V as que consideras verdadeiras e com um F as que consideras falsas:

1.1 A Secularização é o processo pelo qual a religião não deixa de ser o elemento agregador e identificador da pertença social.

1.2 Com este processo as pessoas rejeitam a religião e tornam-se ateias ou agnósticas.

1.3 A Igreja tem agora que enfrentar não apenas a descristianização, mas também uma série de tendências religiosas variadas e ainda aquilo que se pode designar por ocultismo (secreto, escondido).

1.4 A expressão «Novos Movimentos Religiosos» (NMR) não substitui o termo «seitas».

1.5 Estes movimentos propõem um novo estilo de vida, em conformidade com a sociedade ou com as organizações religiosas.

2. Quais os traços principais dos Novos Movimentos Religiosos?

Grupo II

4. Será que o mundo actual será tão secularizado como alguns nos tentam transmitir? Identifica sinais da presença do religioso na nossa vida. Desenvolve a tua resposta.

5. O que é a Nova Era? Identifica as suas características e a posição face à fé cristã.

6. Partindo do que ouviste nas aulas (apresentação de Powerpoint e palestra) faz um breve resumo explicando o que consideras por Nova Evangelização.

BIBLIOGRAFIA

Documentos

BENTO XVI – *Homília nas primeiras vésperas da Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo*, 2010.

BENTO XVI – *Ubicumque et semper*, 2010.

BENTO XVI – *Porta fidei*, 2012.

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2007.

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Alicerces - Os Novos Movimentos Religiosos*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2009.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II – *Constituições, Decretos, Declarações*. Braga: Ed. Apostolado da Oração, 1976.

CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA; CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER RELIGIOSO – *Jesus Cristo, Portador da água viva*. 2ª ed. Lisboa: Paulinas, 2003.

IGREJA CATÓLICA – *Carta fundadora no lançamento do Congresso Internacional para a Nova Evangelização*, 2000.

IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, 1992.

IGREJA CATÓLICA – *Declaração Dominus Iesus*, 2000.

IGREJA CATÓLICA – *Instrumentum Laboris*, 2012.

IGREJA CATÓLICA – *Lineamenta*, 2011.

JOÃO PAULO II – *Christifideles Laici*, 1988.

JOÃO PAULO II – *Discurso à Assembleia do CELAM*, 1983.

JOÃO PAULO II – *Discurso aos participantes da 76ª reunião de Bergedof*, 1984.

JOÃO PAULO II – *Discurso aos participantes do Colóquio Internacional sobre as raízes comuns cristãs das nações europeias*, 1981.

JOÃO PAULO II – *Dominum et Vivificantem*, 1986.

JOÃO PAULO II – *Novo Millennio Ineunte*, 2001.

JOÃO PAULO II – *Redemptoris Missio*, 1990.

JOÃO PAULO II – *Tertio Millennio Adveniente*, 1994.

JOÃO XXIII – *Discurso na sessão inaugural do Concílio Ecuménico Vaticano II*, 1962.

PAULO VI – *Evangelli Nuntiandi*, 1975.

Obras

AMATO Â. – Jesus Cristo, centro da história da salvação e da vida da Igreja. In CONSELHO DA PRESIDÊNCIA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000 – *Comentário teológico-pastoral à carta de João Paulo II Tertio Millennio Adveniente*. Lisboa: Editora Rei do Livros, 1996.

ARENDS, R. – *Aprender a ensinar*. 7ªed. Madrid: Mc Graw Hill, 2008.

BARBOSA, A. – *A nova evangelização*. Lisboa: Paulinas, 1994.

BORAU, J. – *Os Novos Movimentos Religiosos*. Lisboa: Paulus, 2008.

CLEMENTE, M. – *1810 - 1910 – 2010, Datas e desafios*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

DELUMEAU, J. – *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*. Lisboa: Paulus, 2012.

HOHMANN, M.; WEIKART, D. – *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

MARDONES, J. – *Para compreender as novas formas de religião*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1996.

NEVES, Carreira das – *As novas seitas cristãs e a bíblia*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1998.

NUNES, J. – *Teologia da missão - notas e perspectivas*. Lisboa: Obras Missionárias Pontifícias, 2008.

VELASCO, J. – *Increencia y evangelización, del dialogo al testimonio*. Santander: Editorial Sal Terrae, 1988.

Artigos

PAGER, F. – O ensino da religião na União Europeia: modelos, tendências, desafios. *Pastoral catequética*. Lisboa. 8 (2007) 75-88.

RODRIGUES, D. – Novos movimentos religiosos: realidade e perspectiva sociológica. *Revista Antropológicas*. Recife. (2008) 17-42.

TEIXEIRA, A. – Eclipse ou regresso? Tensões paradigmáticas no campo das hermenêuticas da religião. *Humanística e Teologia*. Porto. (2008) 87-104.